

## Projeto vai humanizar espaço público

Grafitiros e estudantes de arquitetura participam de atividade extensionista inédita da UFRGS **Página central**



FLAVIO DUTRA

Desenhos como o das colunas do viaduto Leopoldina, na avenida João Pessoa, transformam a arquitetura da cidade



FLAVIO DUTRA

## A hora do lazer na universidade

**Campus** Cada um escolhe o que fazer na hora da folga: ficar ao sol, jogando conversa fora, disputar uma partida de futebol, jogar sinuca ou dar início a mais uma rodada de truco com os colegas. Contrastando com a imagem de seriedade e estresse, muitas vezes associada à vida acadêmica, o dia-a-dia da UFRGS também tem espaço para a descontração entre uma aula e outra. Enquanto os estudantes da Fabico organizaram até uma

confederação de truco, que promove campeonatos com o baralho espanhol, os alunos da Eset disputam partidas de futebol e reivindicam o funcionamento da unidade nos finais de semana e a realização de mais atividades de extensão gratuitas. Em uma reportagem do Jornal pôde comprovar o quanto as atividades extra-aula também fortalecem os laços entre os estudantes. **Página 7**

## Estudantes recebem o Prêmio Abiplast Design

**Ciência** Alunos do Laboratório de Design e Seleção de Materiais da Escola de Engenharia da UFRGS (LdSM) ganharam o Prêmio Abiplast Design, na categoria estudante, com o Jogo de Alfabeto Braille. Segundo o coordenador do laboratório, professor Wilson Kindlein Júnior, atualmente, selecionar materiais e processos é um fator de ino-

vação do produto. Para tanto, o LdSM conta com um equipamento sofisticado, com mais de 20 máquinas de grande, médio e pequeno porte. Uma delas é o Scanner Tridimensional, instrumento de alta performance, ideal para *design* de produto e para a otimização dos processos e desenvolvimento da Engenharia. **Página 11**

## O destino do Timor Leste

**Internacional** O brasileiro Sérgio Pinheiro foi nomeado pelo secretário-geral da ONU, Kofi Annan, para chefiar uma comissão especial independente que terá três meses para investigar os violentos incidentes verificados em abril e maio deste ano no Timor Leste e responsabilizar os autores dos crimes e violações de direitos humanos cometidos no período. A ilha de Timor faz parte do arquipélago da Indonésia, próximo à costa norte da Aus-

trália e forma uma linha com as ilhas de Sumatra, Java e Bali, entre o Oceano Índico e o Pacífico. Independente desde 2002, após cinco séculos como colônia portuguesa, e anexado à Indonésia por curto período, esse país de 15 mil km<sup>2</sup> e 900 mil habitantes procura o seu destino, que pode ser determinado pelas reservas de petróleo de sua plataforma marítima e pela paisagem dos mares do sul, capaz de atrair turistas de todo o mundo. **Página 10**

## O poeta e seus múltiplos

**Cultura** No ano em que se completam 70 anos da morte de Fernando Pessoa, o legado do poeta português cai em domínio público, impulsionando a publicação de seus livros. No Brasil, a editora L&PM prepara-se para lançar sete obras, com textos, notas e introdução de Jane Tutikian, professora do Instituto de Letras da UFRGS. **Página 12**



O poeta retratado por Almada Negreiros

### DEBATES

#### Casamento de homossexuais

A união civil entre pessoas do mesmo sexo e a luta dos homossexuais masculinos e femininos pela afirmação de sua forma de se manifestar sexualmente são o tema do debate desta edição. O professor Henrique Caetano Nardi, do Instituto de Psicologia da UFRGS, e o juiz federal Roger Raupp Rios são os especialistas convidados para opinar sobre esse tema polêmico. **Página 4**

### ATUALIDADE

#### Responsabilidade e gestão social

No Brasil, 60% da força de trabalho está no mercado informal. Diante desse quadro, a socióloga Rosinha da Silva Machado Carrion, coordenadora do Núcleo Interdisciplinar de Pesquisa e Estudos sobre o Terceiro Setor (Nipets), entende que a gestão social não pode se restringir à formação em administração. A professora, que recentemente orientou um trabalho premiado na sexta edição do Prêmio Ethos-Valor, argumenta que não se trata simplesmente de transpor o conhecimento desenvolvido para gerenciar empresas privadas para a gestão de organizações sociais. Segundo ela, é preciso atacar os problemas estruturais que abalam o país; e projetos como o Residência Solidária, realizado pelo Nipets, procuram responder politicamente a uma demanda por competências sociais em futuros profissionais. **Página 5**



## Cartas

Cumprimentos ao Reitor e igualmente à equipe do Jornal da Universidade pelo belo trabalho desenvolvido na nova fase, cujo último número traz uma série muito interessante de matérias, abordando tanto a Copa do Mundo quanto o petróleo nacional. É com trabalhos desta dimensão que o jornal irá distanciar-se, a cada dia, de ser uma publicação apenas corporativista e de interesse interno da instituição, conseguindo aproximar a Universidade da opinião pública em geral.

**Antonio Hohlfeldt**  
Vice-governador  
do Rio Grande do Sul

e-mail: jornal@ufrgs.br

## Memória da UFRGS



REPRODUÇÃO/ACERVO MUSEU DA UFRGS  
**PATRIMÔNIO HISTÓRICO** O interior do prédio da Faculdade de Direito, localizada na Avenida João Pessoa, com seus vitrais, arcos, escadarias e afrescos constitui-se num dos mais ricos exemplos de preservação arquitetônica.

## Espaço da Reitoria

## Novos modelos de parcerias institucionais

A UFRGS integra, a partir deste ano – com toda a sua qualificação e experiência na pesquisa, no desenvolvimento tecnológico e na inovação – os novos modelos de redes temáticas da Petrobras.

A Petrobras é uma empresa brasileira que atingiu o patamar de liderança em uma área estratégica, calcada na pesquisa desenvolvida basicamente em seus laboratórios e em parceria com outras instituições nacionais, entre as quais as universidades. A visão empreendedora e de valorização por parte da empresa, buscando fortalecer as relações com as universidades brasileiras, através de

um novo marco, estabelece-se a partir das redes temáticas, via acordos institucionais. Dessa forma, a participação ativa da UFRGS em dezenove das trinta e oito redes temáticas, uma das maiores participações entre as universidades brasileiras, nos coloca numa posição de destaque. Significa a existência, nesta Universidade, de competências científicas com capacidade para contribuir com projetos de desenvolvimento tecnológico e inovação nestas distintas temáticas.

As redes temáticas, viabilizadas através do estabelecimento de fundos vinculados à produtividade de

**A participação ativa da UFRGS em dezenove das trinta e oito redes temáticas nos coloca numa posição de destaque**

poços petrolíferos especiais, introduzem uma nova relação entre a empresa e as instituições de pesquisa brasileiras.

A atual proposta do novo modelo gerencial, com base no relacionamento institucional, amplia

a interação a partir da geração de novos conceitos e resultados, os quais beneficiam diretamente a transferência contínua dos conhecimentos gerados para o interior da sala de aula, nas diversas modalidades de ensino como consequência da pesquisa em desenvolvimento tecnológico direcionado.

A implementação do modelo com efetivos resultados é o desafio posto às universidades em seu importante papel frente ao nosso desenvolvimento. Esperamos que a sistemática ora iniciada torne-se um marco referencial para a parceria entre outros setores produtivos nacionais e as universidades.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
Av. Paulo Gama, 110  
Bairro Farroupilha, Porto Alegre - RS  
CEP 90046-900  
Fone: (51) 3316-7000  
www.ufrgs.br

**Reitor**  
José Carlos Ferraz Hennemann  
**Vice-reitor**  
Pedro Cezar Dutra Fonseca  
**Chefe de Gabinete**  
João Roberto Braga de Mello  
**Secretária de Comunicação Social**  
Sandra de Deus

JORNAL DA UNIVERSIDADE  
Publicação da Secretaria de Comunicação Social da UFRGS  
Fone/fax: (51) 3316-3368  
www.jornal.ufrgs.br

**Conselho Editorial**  
Alfredo Carlos Storck,  
César Antonio Leal, Dirce Maria Antunes Suertegaray, Edson Luiz Lindner, Helen Beatriz Frota Rozados, Luis Augusto Fischer, Márcia Benetti Machado, Maria Henriqueta Luce Kruse

**REDAÇÃO**  
**Editores-chefe**  
Ânia Chala  
**Editor-executivo**  
Ademar Vargas de Freitas  
**Secretária de redação**  
Sandra Salgado  
**Repórteres desta edição**  
Jacira Cabral da Silveira e Luiz Ricardo Linch (bolsista)  
**Projeto gráfico e diagramação**  
Juliano Bruni Pereira  
**Fotografia**  
Flávio Dutra, Ricardo de Andrade e Vanessa Borsato  
**Revisão**  
Ademar Vargas de Freitas e Ânia Chala  
**Colaboraram nesta edição**  
Caroline da Silva, Fatimarei Lunardelli e Marcelo Spalding  
**Circulação**  
Arthur Bloise  
**Fotolitos e impressão**  
Gazeta do Sul S.A.  
**Tiragem**  
12 mil exemplares

## Artigo

## A violência comportamental e ideológica dos skinheads

Identificados por muitos como ícones do neonazismo, os *skinheads* têm causado apreensão e repúdio por suas ações violentas e difusão de idéias racistas, separatistas e anti-semitas.

Oriundos de grupos de jovens urbanos da Inglaterra na década de 60, os *skinheads*, na sua origem, não tinham nenhuma conotação racista. Será na década de 70 que parte do movimento *skin* irá incorporar a ideologia neonazista e vincular-se à extrema direita.

Uma das causas desse descompasso histórico está na literatura revisionista que, no final da década de 70, passa a divulgar obras “negacionistas”, cujo principal objetivo é o de restaurar o nazismo a partir da negação da existência do holocausto e de seus milhões de vítimas.

No Brasil, o movimento *skinhead* surge no início dos anos 80, em São Paulo, a partir de uma dissidência do movimento *punk*. Inicialmente, eram apenas grupos de jovens agressivos que apostavam na violência como forma de identidade social e apreciavam a estética do movimento inglês. Como consequência, passaram a importar os símbolos e signos dos *skins* ingleses, e a recepcionar sua ideologia.

A absorção da ideologia nazista foi o passo seguinte e isso, em grande parte, devido à literatura revisionista que, através da Editora Revisão, de Porto Alegre, alimentou o mercado com obras de adulterada legitimização histórica, que acabaram dando a sustentação ideológica para o reerguimento das velhas bandeiras do nazismo e do fascismo



Foto de capa do livro *Skins In Belgium, picture book from the Belgium Skinhead scene*

dentro do movimento.

Proibidas de comercialização, essas obras são facilmente baixadas via *download* pela Internet. Aliás, a rede de computadores tem sido o grande meio de divulgação e troca de informações entre os grupos neonazistas e de difusão de idéias racistas e anti-semitas.

Organizados em facções, os *skinheads* do Brasil se dividem ideologicamente em neonazistas e neofascistas. Os grupos mais conhecidos são os Carecas do Subúrbio, nacionalistas que defendem a violência como discurso político; os Carecas do ABC, integra-

listas que vêem a violência como meio de defesa, e a facção mais radical e assumidamente neonazista, os *White Power*, que adotam a suástica como símbolo, defendem a separação do sul do Brasil e entendem a violência como forma de coação.

Atuando principalmente no eixo sudeste-sul do País, esses grupos, apesar de algumas diferenças ideológicas, têm em comum a exaltação à violência como forma de manifestação. Perseguem e agridem homossexuais, *punks*, socialistas, drogados, e no caso dos neonazistas, aos judeus, negros e nordestinos.

Espancamentos, homicídios, pichações, ameaças de morte são algumas de suas formas de ação. Agem sempre em bando contra vítimas desprotegidas. Exemplo disso foi o atentado sofrido por três jovens em Porto Alegre, em maio de 2005. Identificados como judeus por usarem *kipás* – espécie de boina usada pelos judeus – foram espancados e esfaqueados quase até a morte por um bando de *skinheads*. Outro caso foi o do adestrador de cães Edson Néri da Silva, espancado até morrer, na Praça da República, em São Paulo, por um grupo de aproximadamente trinta carecas, por ser homossexual.

Inúmeros são os casos relatados na imprensa sobre as ações de violência física e moral praticadas pelos *skinheads*. Mas, para além dessas agressões, praticam uma violência tão ou mais grave – a ideológica. Através da disseminação de discursos conservadores, fascistas, pregam a xenofobia, o extermínio de homossexuais e drogados, o anti-semitismo e o etnocentrismo gerador de aberrações históricas como o holocausto.

Se ações como essas nos chocam, vale lembrar que são um alerta de que é preciso investigar, descobrir as reais articulações políticas que se escondem por trás dessas manifestações, que visam trazer à tona as ideologias fascistas, os racismos e justificativas de exclusão social baseadas no separatismo e no preconceito racial.

**Vanda Blazina**  
Estudante do curso de História da UFRGS



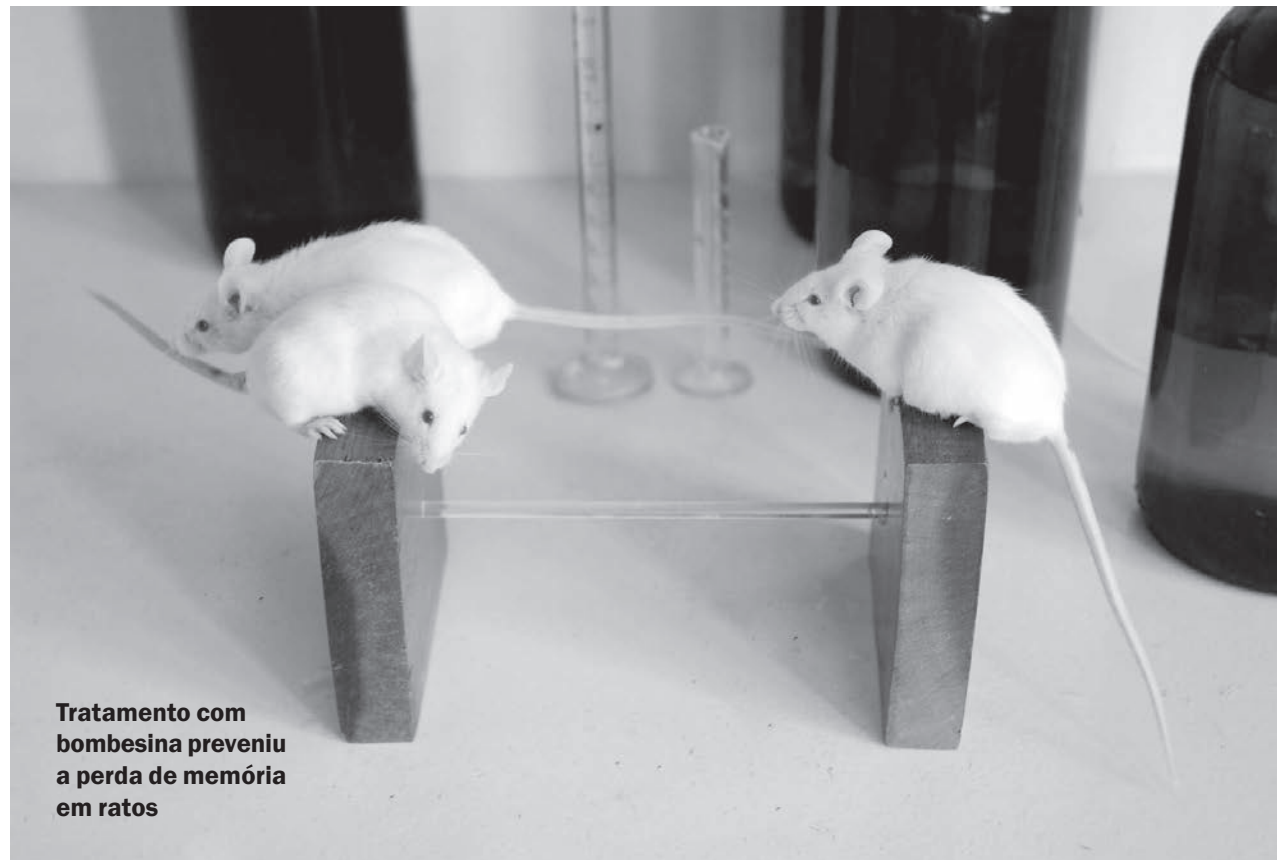


## pesquisa ■ Proteína previne Alzheimer em ratos

Um trabalho de pesquisa realizado na UFRGS indica que uma proteína encontrada na pele de sapos, conhecida como bombesina, pode prevenir anormalidades de memória associadas à doença de Alzheimer. A pesquisa iniciou em 2003, em ratos, e até o final do ano deverá ser aplicada em seres humanos.

Isolada originalmente da pele de sapos da espécie *Bombina bombina* na década de 1970, a bombesina age como um estimulador da proteína GRPR (receptor do peptídeo liberador de gastrina), conhecida por sua ocorrência em vários tipos de câncer. A equipe coordenada pelos professores Rafael Roesler, do Departamento de Farmacologia, e Gilberto Schwartzmann, do Departamento de Medicina Interna e do Hospital de Clínicas da UFRGS, descobriu que a GRPR deve estar envolvida não apenas no câncer, mas em doenças neurológicas e também psíquicas. Os dados também mostram que substâncias semelhantes à bombesina poderiam ser usadas em novos medicamentos para o tratamento dessas doenças.

O estudo mobilizou uma equipe de pesquisadores da UFRGS, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) e da Universidade do Extremo Sul Catarinense (Unesc), e a maior parte dos experimentos foi realizada no Departamento de Bioquímica da UFRGS. Os resultados revelaram que, em células cere-



Tratamento com bombesina preveniu a perda de memória em ratos

brais de ratos, a proteína GRPR estimula vários processos bioquímicos que contribuem para o funcionamento das sinapses, levando a uma facilitação da capacidade de formar memórias. Além disso, a ativação da proteína GRPR por um tratamento com bombesina preveniu a perda de memória em um modelo experimental de doença de Alzheimer, desenvolvido no Departamento de Bioquímica pela aluna de doutorado Tatiana Luft, do Programa de Pós-graduação em Bioquímica.

Para simular em laboratório essa perda de memória, os pesquisadores injetaram um fragmento da proteína

beta-amilóide em células do hipocampo (região do cérebro ligada à memória) de ratos. A proteína beta-amilóide se acumula no cérebro de pacientes com a doença, prejudicando a transmissão dos impulsos nervosos e contribuindo para o declínio cognitivo. Nos ratos que apresentavam deficiência de memória causada pela proteína beta-amilóide, a aplicação de bombesina em células do hipocampo restaurou a memória em níveis normais.

Os resultados sugerem que substâncias naturais ou sintéticas que, de forma semelhante à bombesina, sejam capazes de ativar

a proteína GRPR poderão ser testadas como novas alternativas para o tratamento de prejuízos cognitivos associados à doença de Alzheimer. Novos estudos da equipe indicam que compostos que modificam a atividade da proteína GRPR podem também ser promissores para o tratamento de outras doenças psíquicas, como transtorno de estresse pós-traumático e esquizofrenia. O trabalho foi financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e pela Fundação Soad de Pesquisas do Câncer.

## receita federal ■ Doação de equipamentos



RICARDO DE ANDRADE

A UFRGS recebeu da Receita Federal equipamentos odontológicos que foram repassados

à Faculdade de Odontologia. Essa doação, no valor de 2 milhões e 51 mil reais, foi feita na sede da Receita Federal pelo superintendente Jair Cardoso. O material odontológico é resultado de uma apreensão realizada em 2005 e foi encaminhado ao Setor de Patrimônio para cadastramento antes da entrega à unidade. Em nome da Universidade, o vice-reitor Pedro Fonseca agradeceu pela doação, destacando a importância do material para o desenvolvimento do ensino e da pesquisa. Segundo o vice-diretor da Faculdade de Odontologia, professor Pandelis Varvaki Rados, são materiais de consumo que foram distribuídos entre os alunos, o que significa uma grande ajuda para os futuros dentistas.

**Cerimônia de entrega dos equipamentos na sede da Receita**

## agronomia ■ Prédio recebe transformador

O diretor da Divisão de Produtos da Trafo Equipamentos Elétricos S/A, Paulino Ribas, fez a doação de um transformador de distribuição para a Faculdade de Agronomia, dentro do projeto dos Prédios Históricos da UFRGS. O empresário cumprimentou a administração central pelo trabalho permanente de manutenção dos prédios da Universidade, afirmando que mais do que uma obrigação era um prazer contribuir para o projeto.

## frança ■ Estudantes buscam auxílio

A Escola de Engenharia tem treze alunos aprovados para efetivarem seus estudos nas Escolas Centrais da França, sendo que sete deles conseguiram bolsas de estudos do governo francês, e seis estão procurando financiamento ou auxílio junto ao setor privado. Todos os

## farmácia ■ Atendimento em posto de saúde

A Faculdade de Farmácia assumiu as atividades didático-pedagógicas da farmácia da Unidade de Saúde Santa Cecília/HCPA, que está localizada na Rua São Manoel, 543, em Porto Alegre, e atende 35 mil pessoas. Os medicamentos disponíveis são fornecidos pela Prefeitura de Porto Alegre, e os itens constam da lista de remédios essenciais do município, exceto os de controle especial. Estudantes, orientados por professores, trabalham no atendimento aos usuários do posto,

com o intuito de escutar suas necessidades e analisar as prescrições, evitando a longa espera e a permanência desnecessária em filas. O apoio pedagógico é realizado pelos docentes Denise Bueno, Célia Chaves, Isabela Heineck, Mauro Castro e Tânia Alves Amador, que supervisionam discentes de todos os semestres. Esta experiência é inédita no curso de Farmácia e contempla as novas diretrizes curriculares dos cursos da área da saúde.

aos cursos de Engenharia Mecânica, Engenharia Química, Engenharia de Produção e Engenharia Elétrica, e necessitam de um auxílio de aproximadamente R\$ 1.600 para despesas com moradia, transporte e alimentação, mais o custo da passagem de ida e volta. Quem quiser ajudar os estudantes deve entrar em contato com Felipe, através do telefone 8441 4967.

## Breves

### Prêmio

A professora Léa Fagundes, coordenadora do Lec (Laboratório de Estudos Cognitivos) recebeu o Diploma Reconhecimento oferecido pela Unesco, na categoria Comunicação e Informação. Segundo o escritório da entidade no Brasil, a homenagem foi motivada por seu pioneirismo na promoção do uso da informática em sala de aula no Brasil, iniciando uma revolução na área da inclusão digital em escolas públicas brasileiras e ajudando a promover mudanças profundas no processo de aprendizagem.

### Educação a distância

O Centro Interdisciplinar de Novas Tecnologias na Educação (Cinted) e a Secretaria de Educação a Distância da UFRGS (Sead) realizam, de 11 a 13 de julho, o "VII ciclo de palestras novas tecnologias na educação". O evento apresentará experiências de educação a distância, projeto e desenvolvimento de objetos de aprendizagem, bem como de softwares educacionais. Inscrições via Internet até 11 de julho pelo endereço [www.cinted.ufrgs.br/ciclo7/](http://www.cinted.ufrgs.br/ciclo7/). Informações adicionais: 3316-3070 ou 3316-4098.

### Tecnologias em saúde

O curso de especialização em Avaliação de Tecnologias em Saúde, organizado pelo Programa de Pós-graduação em Economia, recebe inscrições de novos alunos até o dia 17 deste mês. Podem participar profissionais das áreas de administração, biomedicina, direito, economia, enfermagem, estatística, medicina, odontologia e veterinária. Outras informações pelo endereço [www.pppe.ufrgs.br/ats](http://www.pppe.ufrgs.br/ats).

### Inscrições para o Salão

Vai até o dia 20 deste mês, o período de inscrições para o XVIII Salão e XV Feira de Iniciação Científica da UFRGS, espaços multidisciplinares de experimentação destinados aos estudantes que atuam na pesquisa acadêmica. As inscrições deverão ser feitas através de formulário eletrônico pelo endereço [www.propresq.ufrgs.br](http://www.propresq.ufrgs.br). Outras informações poderão ser obtidas pelo telefone 3316-4085 ou através do e-mail [salao@propesq.ufrgs.br](mailto:salao@propesq.ufrgs.br). O Salão e a Feira serão realizados de 15 a 20 de outubro no Campus Centro.

### Filosofia

Encerram-se em 30 de julho as inscrições para a seleção ao segundo semestre de 2006 dos cursos de mestrado e doutorado em Filosofia. A relação da documentação necessária e outras informações podem ser obtidas pelo telefone 3316-6616 ou no endereço [www.ufrgs.br/ppgfil](http://www.ufrgs.br/ppgfil).

### Gramática

Com o objetivo de discutir os estudos recentes na área, o Instituto de Letras está oferecendo o curso de especialização em Gramática e Ensino de Língua Portuguesa. As inscrições podem ser feitas até 18 de agosto. Detalhes no site [www.ufrgs.br/iletras](http://www.ufrgs.br/iletras) ou pelo telefone 3316-6703.

### Redação e edição

Sandra Salgado | Fone: 3316-3497 | E-mail: [sandra.salgado@ufrgs.br](mailto:sandra.salgado@ufrgs.br)

# LIVRARIA VIRTUAL

Acesse

[www.livraria.ufrgs.br](http://www.livraria.ufrgs.br)  
e faça seu pedido.



ARTE ROSANE VIEIRA





## UNIÃO ENTRE PESSOAS DO MESMO SEXO

Será a heterossexualidade o único caminho legítimo para o relacionamento afetivo das pessoas? Sim, de acordo com setores da nossa sociedade, moralista e conservadora, que ainda não se livraram da idéia de que o amor entre indivíduos do mesmo sexo é coisa feia, suja e imoral. Não, de acordo com a natureza humana, que insiste em vir à luz mesmo sob o risco de ser atingida pelas armas do desprezo ou do ridículo.

A luta dos homossexuais masculinos e femininos pela afirmação de sua forma de se manifestar sexualmente e a união civil entre pessoas do mesmo sexo são tema do Debate desta edição, que traz a palavra de um sociólogo e de um juiz sobre esse assunto polêmico e atual. Para o professor Henrique Caetano Nardi, doutor em sociolo-

gia, os movimentos sociais tiveram sucesso ao trazer para o debate político a afirmação dos direitos sexuais como direitos humanos, e a discussão sobre a igualdade de direitos dos cidadãos não-heterossexuais aportou uma nova maneira de ver instituições como “família” e “casamento”. O juiz federal Roger Raupp Rios diz que o esforço pela visibilidade e aceitação como pessoa já deu aos homossexuais resultados positivos em diversos países e vem sendo comparado à luta histórica mantida pelos negros para superar a proibição de casamentos inter-raciais. Mas a luta continua, em busca do respeito e da consideração à dignidade de cada um, o que implica o reconhecimento da legitimidade e do valor da união civil entre indivíduos do mesmo sexo.

## Casamento gay: avanços e dilemas

Roger Raupp Rios\*

Os últimos 20 anos registram, tanto no cenário internacional como nacional, as mais expressivas vitórias jurídicas no que respeita aos direitos de homossexuais. De fato, decisões judiciais e atos legislativos passaram a combater a discriminação por orientação sexual em vários âmbitos. Estas incluíram, dentre outros, as relações de trabalho, o mundo do ensino, as políticas públicas de saúde e o acesso a cargos públicos.

Nesta trajetória contra o preconceito e a discriminação, similar àquela trilhada pelos movimentos negro e feminista, os homossexuais primeiro obtiveram proteção jurídica “negativa”. Cuidava-se de garantir a não-discriminação na vida privada, a intromissão estatal e social diante dessas relações. Da sociedade em geral exigiu-se, deste modo, uma tolerância meramente passiva em face das relações travadas por homossexuais. Neste momento, bastava deixá-los viver e não impedi-los de buscarem seu convívio privado, ainda que vistos com desprezo e reprovação.

Todavia, esta modalidade negativa de tolerância não se mostrou suficiente para uma vida digna. A vida humana requer, de uns para com os outros, respeito e consideração da igual dignidade de cada um, sob pena de a sociabilidade reduzir-se a um constante e

limitado suportar a existência alheia. Entram em cena, neste segundo momento, aspirações de transformação das realidades culturais e institucionais que reproduzem a heterossexualidade como único cânone legítimo para a vida humana, cultivando uma visão que inferioriza e estigmatiza a homossexualidade. Compreendendo agora a reivindicação de direitos de reconhecimento, que vão além da mera possibilidade de participação nos bens sócio-econômicos (emprego, escola e sistema de saúde, por exemplo), o espectro dos direitos de homossexuais alargou-se rumo a novas esferas.

É a partir desse contexto que deve ser entendida a demanda pelo reconhecimento de uniões entre pessoas do mesmo sexo. Cuidase do reconhecimento da legitimidade e do valor positivo que tais uniões podem encerrar, sem necessitar, de modo forçoso, repro-

*Resta saber se esta luta não importará a assimilação de discriminados a limites aceitáveis por uma sociedade moralista e conservadora em matéria sexual*

duzir a visão de mundo que impregna as relações heterossexuais. Não importa, aqui, diferenciar as diversas modalidades de união e suas qualificações jurídicas (casamento, parceria civil, pacto de solidariedade, união estável), mas salientar a reivindicação pelo respeito e legitimidade que podem estar associados a esse reconhecimento.

Nesta linha, de vários modos, a legislação e a jurisprudência, de modo peculiar em cada ordenamento jurídico, têm atuado: África do Sul, vários estados americanos, Canadá, México, Espanha, Alemanha, Argentina, Brasil, Bélgica, Holanda e Portugal, por exemplo, já registram reconhecimento formal das uniões de pessoas do mesmo sexo.

Sob esta perspectiva, a reivindicação pelo reconhecimento ganha relevo histórico e densidade político-democrática, assim como o combate ao racismo reclamou a superação

da proibição de casamentos inter-raciais. Resta saber, contudo, se esta luta não importará a assimilação de discriminados a limites aceitáveis por uma sociedade moralista e conservadora em matéria sexual. Vale dizer, se a institucionalização do “casamento gay” não reforçam o controle e a repressão, em que o “bom comportamento” desses “seres desviantes” é o preço a ser pago por uma inclusão de segunda classe, produzindo o efeito de “domesticação” da liberdade individual incompatível com as dominações sexuais e de gênero que regem as relações humanas.

Estes, portanto, são alguns dos avanços e dilemas que a discussão e a reivindicação acerca do “casamento gay” trazem ao debate democrático contemporâneo.

\*Juiz federal, mestre e doutor em Direito. Pesquisador associado ao Núcleo de Antropologia do Corpo e Saúde (Nupacs) do IFCH – UFRGS

## Reflexões sobre a moral, a ética e a cidadania

Henrique Caetano Nardi\*

Paradoxalmente, a expressão “até que a morte os separe”, própria do casamento católico, nos permite refletir sobre o casamento de pessoas do mesmo sexo; uma vez que o debate jurídico a respeito da igualdade de direitos nos estados democráticos laicos teve um grande impulso com a epidemia da aids. No mundo ocidental, os movimentos sociais tiveram sucesso em transformar políticas públicas que se caracterizavam inicialmente pela estigmatização dos chamados “grupos de risco”, trazendo para o debate político a afirmação dos direitos sexuais como direitos humanos.

A justiça passou a ter de lidar com separações abruptas de casais “de fato” em razão da morte de um dos companheiros. As esferas do direito que lidam com as questões relativas às disputas pela herança, à pensão e à guarda dos filhos foram colocadas em xeque. E a discussão da igualdade de direitos dos cidadãos não-heterossexuais produziu um novo olhar sobre as instituições da “família” e do “casamento”.

Se recuarmos para nosso passado recente, veremos que estas instituições foram amplamente questionadas pela revolução sexual dos anos 1960, a qual buscou a ampliação da liberdade nas possibilidades de experimentação da sexualidade e a reversibi-

lidade das posições fixas de poder que caracterizavam e caracterizam o casamento como marca da dominação masculina e da heteronormatividade.

Os anos 60 foram os anos de glória do feminismo, da batalha pelos direitos civis nos EUA, das lutas estudantis de 1968 e, particularmente, do “movimento gay” – cujas barricadas de Stonewall marcam a data de afirmação da luta contra a discriminação por orientação sexual.

Todos esses movimentos reivindicavam um ideal de liberdade quanto às possibilidades de existência. Retomando a expressão de Michel Foucault, podemos afirmar que foram lutas interiores aos modos de subjetivação. O filósofo inspirou as estratégias de muitos movimentos sociais, entre eles, o Act-Up, a mítica ONG de luta contra o moralismo violento que caracterizou o pânico da epidemia de aids nos seus primeiros momentos.

Outro exemplo é a ONG francesa Aides (fundada por Daniel Defert, companheiro de Foucault por 20 anos – até que a morte os separou), cujo nome sugere um jogo de pa-

*É a qualidade da relação que importa e não a fixidez das posições binárias e hierárquicas*

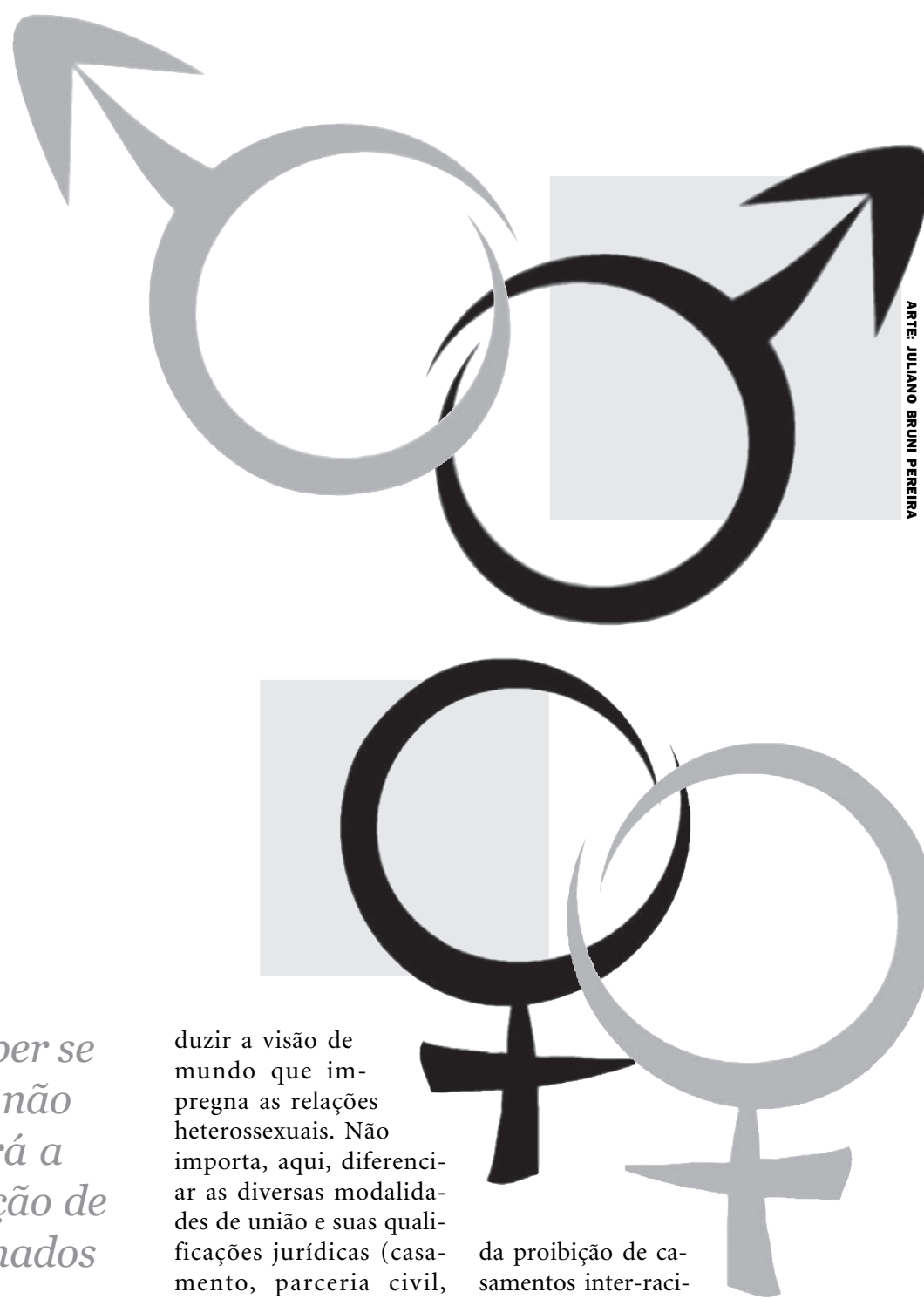
lavras que associa a sigla em inglês da síndrome ao verbo ajudar em francês. Esta nomenclatura transforma uma palavra estigmatizada e estigmatizante em um emblema da solidariedade. O caráter performativo das designações, explorado por Judith Butler, permite pensar que o movimento contemporâneo LGBT pode transformar o aspecto normalizador do casamento, produzindo um estranhamento do código moral que o caracterizou na modernidade. Assim, talvez possamos construí-lo como uma prática de liberdade. De acordo com Didier Eribon, Foucault afirmou, em um jantar com o casal Lacan, que “não haverá civilização enquanto o casamento entre homens não for admitido”.

A homossexualidade deixou de ser considerada “desvio” ou “patologia” pela ciência nos anos 1970. Os vários estudos sobre filhos de casais formados por pessoas do mesmo sexo demonstram que estes não são nem mais nem menos felizes que os filhos de casais formados por pessoas de sexos diferentes. É a qualidade da relação que importa e

não a fixidez das posições binárias e hierárquicas que organizam a inteligibilidade das relações sexo/gênero/desejo.

Fruto dos movimentos de defesa dos direitos sexuais, a Holanda, a Bélgica, a Espanha, o Canadá e a Inglaterra legalizaram o casamento de pessoas do mesmo sexo. Outros países e/ou estados federados têm leis que garantem o reconhecimento legal das uniões de pessoas do mesmo sexo, como a França, os países escandinavos e a cidade de Buenos Aires. No Brasil existe a possibilidade de registro das relações entre pessoas do mesmo sexo e leis antidiscriminação por orientação sexual em várias cidades, assim como jurisprudência a respeito da herança, da adoção, da guarda dos filhos e do direito a pensão. Entretanto, estamos longe da igualdade plena de direitos, e a religião se mantém como um obstáculo. A tese que defendo é que se trata, fundamentalmente, de um debate em torno dos direitos de cidadania e não me parece que existam argumentos que possam negar ética e constitucionalmente o direito das pessoas de dar o formato que desejam a suas vidas.

\*Doutor em Sociologia, professor do Departamento de Psicologia Social e Institucional e do mestrado em Psicologia Social e Institucional do IFCH – UFRGS



ARTE: JULIANO BRUNI PEREIRA



# A difícil prática da responsabilidade social

**Gestão** Socióloga diz que não bastam ações sociais se os problemas não forem atacados na estrutura

Jacira Cabral da Silveira

A sexta edição do Prêmio Ethos-Valor, concurso para estudantes universitários sobre responsabilidade social das empresas e desenvolvimento sustentável, foi vencida pelo aluno da Escola de Administração da UFRGS, Daniel Von der Heyde Fernandes, sob a orientação da professora Rosinha da Silva Machado Carrion. O trabalho foi desenvolvido no Núcleo Interdisciplinar de Pesquisa e Estudos sobre o Terceiro Setor (Nipets) e abordou o tema *Assédio moral no trabalho: um estudo com "suspiros" etnográficos das relações de poder nas empresas*.

O processo de invalidação do outro por motivo de inveja e disputa é frequente nas relações de trabalho, e o agressor costuma agir de modo sutil: "tu só diz besteira, ele é bonzinho, mas...". Segundo Rosinha Carrion, o trabalho de Daniel alerta para a necessidade das empresas envolvidas em projetos de responsabilidade social estarem atentas para o problema do assédio. "De que maneira uma empresa pode considerar-se socialmente responsável se convive com práticas de assédio moral em suas relações?", pergunta a professora.

Partindo desta questão pontual, a socióloga, que coordena o Nipets desde sua criação em 1996, explica o que é responsabilidade social das empresas, quando começa esta preocupação, como ela se dá na prática e quais os seus entraves. Ela cita ainda a responsabilidade civil e apreço a responsabilidade moral. "O problema do país, hoje, é tão sério que não posso ficar apenas na posição de alguém que planta uma semente. Tenho também que agir no nível do político."

**Novo paradigma** – Numa Escola de Administração de excelência, como a da UFRGS, que tem por foco tradicional de ação a gestão de negócios e a valorização do capital, o desenvolvimento de competências sociais e de profissionais conscientes e comprometidos com as necessidades sociais é um trabalho que ainda reúne um pequeno grupo de professores. Na opinião da socióloga Rosinha Carrion, isso ocorre porque não existe na universidade e na sociedade como um todo a tradição de trabalhar a gestão social.

Hoje em dia, além da gestão de empresas, está se estruturando a cultura da gestão social. Mas não se trata simplesmente de estender, ou transportar o conhecimento desenvolvido para gerenciar empresas privadas para a gestão de organizações sociais (ONGs, associações, cooperativas etc.). Porém, conforme explica a professora, isso não impede que o conhecimento desenvolvido, por exemplo, acerca dos processos de aprendizagem organizacional ou de desenvolvimento de competências, seja incorporado para a gestão das organizações de caráter social.

O discurso da responsabilidade social nasce no Brasil paralelamente à implantação dos programas de qualidade total dos anos 90. Num momento de crise social profunda, cerca de 40 dos mais expressivos grupos empresariais brasileiros resolveram integrar e racionalizar as ações sociais, o que já vinha sendo feito de forma isolada. Nasceu então o Grupo de Instituições, Fun-



Cooperativa de costureiras conta com o apoio do Programa Fome Zero

dações e Empresas (Gifes), em 1995. "Sem dúvida nenhuma, havia uma sensibilização para os problemas sociais," avalia Rosinha.

Responsabilidade social das empresas, entretanto, não tem nada a ver com responsabilidade civil, esclarece a professora. "A empresa pode fazer o seu programa de responsabilidade social hoje e deixar de fazê-lo amanhã." Em 1999, foi promulgada a Lei 9790/99 do Terceiro Setor, criando as Organizações de Sociedade Civil de Interesse Público, as ocips – tendência mundial que movimenta uma quantidade enorme de recursos em diversos continentes, eliminando a burocracia e criando uma forma ágil e transparente de parceria entre o Estado e a sociedade.

No Brasil isto ocorre quando o estado percebeu que havia custo para se realizar uma ação social local. Rosinha diz que esta lei veio higienizar o setor, desmascarando verdadeiros patrimônios familiares sob o disfarce de instituições filantrópicas. Com a lei, todas as instituições filantrópicas tiveram um prazo para optar ou não pela nova designação, passando de filantrópicas para ocips e, como tais, podendo participar de editais de projetos.

Mesmo acreditando na seriedade das ações de muitos grupos empresariais, Rosinha chama a atenção para a necessidade de serem atacados os problemas estruturais que abalam o país. Numa sociedade tão desigual como a brasileira, a pesquisadora chega a colocar em dúvida a idéia de que vivamos em uma democracia. "Numa democracia de verdade não pode haver tamanha concentração de renda", diz ela.

**Residência solidária** – Quando foi criada, em 2002, a Residência Solidária Nipets, o objetivo era justamente responder politicamente a uma demanda por competências sociais em futuros profissionais que em breve estarão administrando a

sociedade. Por meio deste programa, universitários assessoraram organizações de economia popular solidária e obtiveram experiência no campo de gestão social.

Em 2002, Rosinha encaminhou um projeto de pesquisa ao CNPq que continha como uma das metodologias a residência solidária, partindo do pressuposto de que, quando se trabalha com gestão social é necessário ter um parâmetro de medida. No caso das empresas, esse parâmetro é o crescimento econômico, a valorização do capital, o chamado desenvolvimento. No âmbito social, este parâmetro é o desenvolvimento do território e toda a questão de seu gerenciamento.

Através da residência solidária o curso contribui não apenas para sinalizar políticas públicas, como também no sentido de colaborar com a realidade em questão. "Num país como o nosso, no qual 60% da força de trabalho está no mercado informal, é necessário pensar alguma forma de inserção econômica dessas pessoas." Rosinha trabalha na Escola de Administração com recursos humanos e sabe que, por mais que "afogue" estas pessoas em qualificação, não há como inseri-las no mercado. "Isso ocorre porque o gueto é muito grande."

Conforme explica a professora, é neste espaço que nasce a economia solidária, numa tentativa de buscar geração de renda, inserção e cidadania. Ao trabalhar com residência solidária, o Núcleo procurou perceber como vem acontecendo este processo. Essa avaliação tornou possível, por exemplo, identificar e esclarecer confusões, como a que vê o cientista social como ativista político.

A socióloga considera que esse tipo de trabalho é quase inviável de fazer na universidade, porque atividades como estas valem muito pouco na avaliação da Capes. Enquanto um artigo numa revista internacional vale 50 pontos, todo

o trabalho de formação, análise e acompanhamento junto aos alunos e às comunidades resultam em apenas dois pontos na avaliação da pesquisadora. "O sistema de avaliação acadêmica hoje está impossibilitando que realizemos aquilo que efetivamente forma."

Rosinha lamenta ainda a pouca de articulação da Escola de Administração com outras unidades da UFRGS para tornar mais rica a experiência de residência solidária. Sua ambição de envolver várias áreas em seu trabalho vem de longe. Quando assumiu a coordenação da formação em gestão social na UFRGS, que hoje está na Escola de Administração, a pesquisadora pensava ser possível envolver áreas como a sociologia, a antropologia, a economia e a ciência política. Afinal de contas, no seu ponto de vista, gestão social não se restringe a uma formação em administração. "Não temos a lógica da transitoriedade, é mais fácil fazer uma parceria com alguém do Paraná", condensa.

Ela costuma brincar dizendo que sempre se achou um pouco inútil no trabalho de reduzir a pobreza, porque não é médica para curar vidas, nem engenheira para construir pontes. "Só quando estive na Amazônia Ocidental fui entender que existe uma pobreza tão ou mais significativa do que a impossibilidade de construir uma ponte. Porque se eu tiver um espírito pobre não tenho sequer condições de lutar pela saúde do meu corpo ou pela construção da minha ponte". Com isso, ela reconhece de outra forma a importância do sociólogo. "Nosso trabalho é de conscientização. Levantar o véu e mostrar o poder que cada um tem."

Mais do que responsabilidade social, a pesquisadora fala de responsabilidade moral para com aquilo que nos cerca. Lembra a constituição francesa, que prevê punição para o indivíduo que não prestar solidariedade a uma pessoa em situação de risco. "No Brasil não temos esta lei, mas todos nós que não fazemos alguma coisa somos responsáveis pela situação que aí está, porque brasileiros somos nós."

## Petrobras financia novos projetos sociais

No final de maio, a Petrobras deu início à terceira Seleção Pública do Programa Fome Zero, destinado a iniciativas de organismos governamentais, não-governamentais e comunitários, legalmente constituídos, sem finalidades lucrativas, e de atuação no terceiro setor. Este ano, serão destinados R\$ 20 milhões a projetos que tenham como foco a garantia dos direitos da criança e do adolescente, a geração de emprego e renda e a educação e qualificação profissional. Cada projeto poderá receber até R\$ 660 mil de patrocínio.

As inscrições só podem ser feitas via Internet no endereço [www.petrobras.com.br/patrociniosocial](http://www.petrobras.com.br/patrociniosocial). Os formulários de inscrição estarão disponíveis neste site até as 18 horas do dia 14 de julho, prazo máximo para a inscrição de projetos.

O Jornal da Universidade foi convidado a participar da cerimônia de abertura da seleção 2006, na sede da Petrobras, no Rio de Janeiro. Na ocasião, algumas organizações contempladas com a seleção de verbas no ano passado expuseram seus trabalhos. Entre elas, a Cooperativa de Mulheres Urbanas "Trabalhadoras Vitoriosas" (Cootav) – Torres, que reúne 22 costureiras do litoral norte gaúcho.

Segundo a presidente da cooperativa, Nilza Terezinha Alves, o trabalho do grupo começou de forma precária em 2002. "Cada uma trouxe o que tinha em casa." Tudo era feito no fundo do quintal de uma delas. Atualmente, estão em uma incubadora empresarial que resultou da ação conjunta do município e do governo do Estado.





# Paixão pela educação leva aluno a Paris

**Conquista**  
*Estudante de Relações Internacionais da UFRGS recebe prêmio da Unesco*

**Clarice Siedler**

*“O nascimento, dizem, é o acontecimento mais traumático da vida. Encontra-se um bebê com um mundo novo e hostil, com exigências que antes lhe seriam absurdas e a assustadora missão de cumprir a existência. Logo de início, depara-se com a terrível e maravilhante tarefa de aspirar o ambiente externo. Ainda mais longe vai William Shakespeare, colocando nos lábios de seu Rei Lear a premissa de que ‘choramos ao nascer porque chegamos a esse imenso cenário de dementes’. Não basta cruzar o mundo. É preciso vê-lo, compreendê-lo, mudá-lo.”*

O texto acima é de um adolescente que acabou de completar 18 anos e já começa a deixar sua marca no ambiente em que está inserido. Faz parte de uma redação que o levou a Paris, como um prêmio de reconhecimento de que está no caminho certo na sua aventura de conhecê-lo. O autor é Bernardo Sfredo Miorando, aluno do terceiro semestre do curso de Relações Internacionais da UFRGS.

Bernardo escreveu “Um caminho para a realização” para um concurso nacional de redação promovido pelo jornal Folha Dirigida em parceria com a Unesco e com o apoio do Ministério da Educação. Mais de 51 mil universitários de todo o País participaram do desafio de escrever sobre o tema “Educação: importante ou prioritária?”.

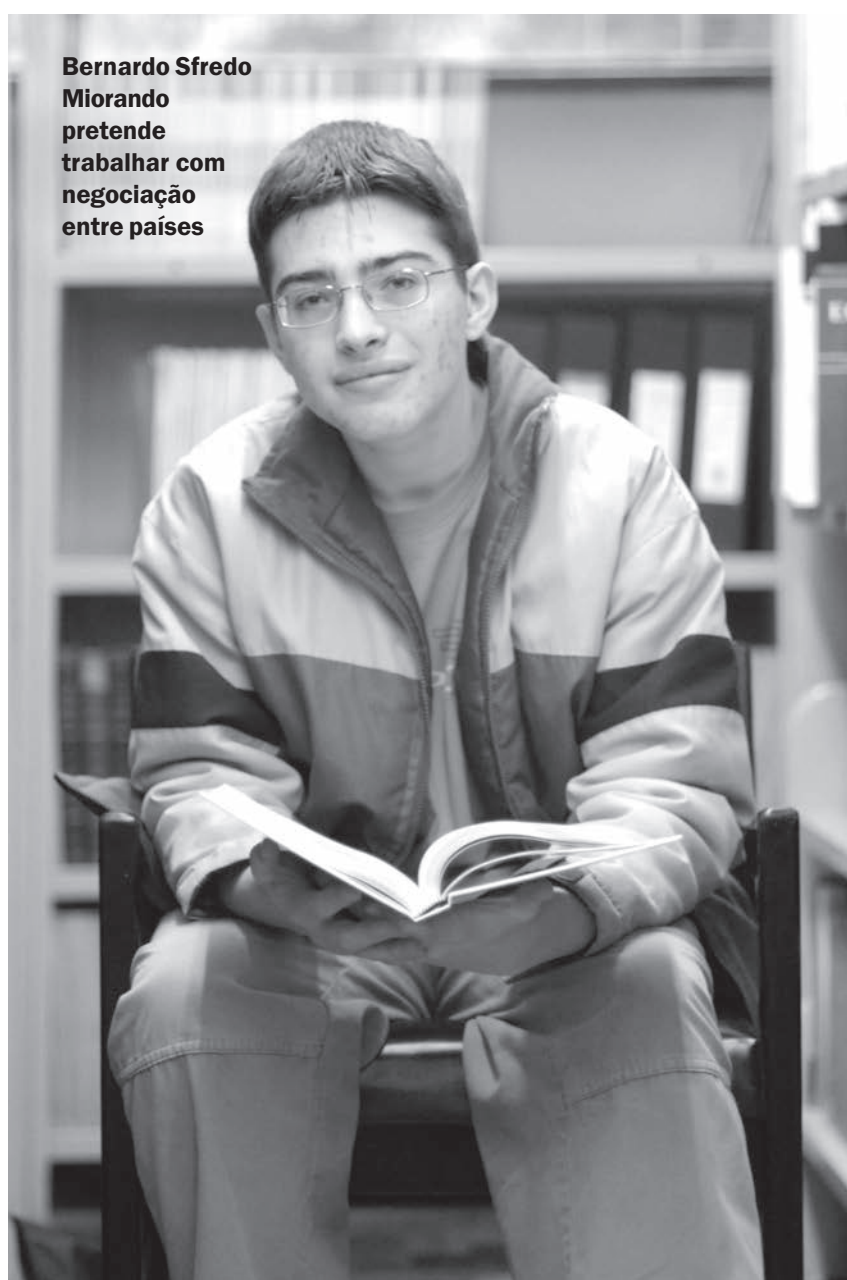
Na primeira etapa foram selecionados 100 textos, que integram uma edição trilingüe (português, inglês e francês) publicada pelas entidades promotoras e lançada em abril, na Academia Brasileira de

Letras, no Rio de Janeiro. Naquela ocasião, os autores das 20 melhores redações foram novamente desafiados: deveriam escrever, naquele momento, uma nova redação sobre “A educação no Brasil: presente e futuro”.

Intitulada “A Educação conduz ao futuro”, a redação que o colocou entre os cinco vencedores da segunda etapa é bem mais enfática do que a primeira quanto à necessidade de atitudes urgentes para modificar a situação do ensino no país. “A qualidade atual do ensino no Brasil é questionável, e pouco se faz para reverter esse quadro. Os investimentos na área são poucos e, como consequência, a maioria das escolas públicas de ensino básico está em decadência, sem investimentos na qualificação de professores, na conservação e aperfeiçoamento da infra-estrutura e no estabelecimento de programas sociais de integração da comunidade e de capacitação dos alunos”, escreveu.

Com clareza e objetividade, Bernardo defende a adoção de medidas de incentivo – inclusive econômico – à educação básica como melhor opção para mudar o quadro no futuro. Mas, sabe que essa é uma decisão fundamentalmente política e que “isso implicaria em resultados muito mais tardios, porém mais sólidos e duradouros. Infelizmente, a escassez de recursos monetários e humanos torna impossível tal apoio a várias atividades ao mesmo tempo, e faz com que se elejam algumas prioridades de governo, que nem sempre condizem com as reais necessidades do povo.” No final do texto, ele fala em lançar as sementes hoje para colher um futuro bem mais promissor na área da educação.

Os autores das cinco melhores redações ganharam uma viagem a Paris, onde foram recebidos na sede da Unesco pelo diretor-geral adjunto Marcio Barbosa. Lá, entregaram exemplares da obra trilingüe e receberam uma placa comemorativa, dirigida a suas respectivas instituições. Em uma audiência no gabinete ele entregou a placa da UFRGS ao reitor José Carlos Hennemann.



**Bernardo Sfredo Miorando pretende trabalhar com negociação entre países**

FLAVIO DUFRÁ

**Trajatória** – Para Bernardo, o aprendizado parece ser algo fácil. Entrou na Universidade com 16 anos, na primeira tentativa e para o curso que havia escolhido. Tinha vindo de Erechim um ano antes para fazer cursinho e se preparar para o vestibular. Filho de um advogado e de uma bancária, mora com o irmão, que é formado em Publicidade pela PUCRS.

Das histórias que ouvia a mãe contar quando era bem pequeno e dos livros que começou a ler ainda na infância, Bernardo guarda mais do que boas recordações, mantendo o prazer pela leitura. Aliás, ler é uma das coisas que mais gosta de fazer, além de conversar com os amigos. Aparentemente tímido, demonstra total segurança ao falar do que conhece, do curso que escolheu, de sua boa adaptação a Porto Alegre e à UFRGS, da família e dos livros. Os que mais o interessam são os romances históricos, os que são assumidamente de ficção – pois considera que todos são, de algum modo ficção – e os de poesia.

Quando o assunto é escrever, explica que o tema que mais o interessa desenvolver é mesmo educa-

ção. Mas não é seu único interesse, assim como esse não foi o primeiro concurso em que se inscreveu. Aos 12 e aos 13 anos participou de um outro, promovido pelos Correios, e ficou em segundo lugar nos dois anos consecutivos.

Com relação ao futuro, o estudante gostaria de trabalhar em alguma instituição que trate de negociação entre países. Apesar do gosto pela educação, não pretende se tornar professor, mas seu desejo quanto à forma como espera ver tratada a questão da educação está expresso no trecho final do texto que lhe valeu a viagem a Paris.

*“O ensino deve ser tratado como uma prioridade, um conceito-chave para a evolução, e não apenas mais uma pasta entre diversas agendas menos apaixonantes. (...) Somente dessa forma se poderá reconhecer a educação como a mais nobre e digna das disposições. Assim, lançar-se-á a luz da razão entre os insanos, que abandonarão o delírio do egoísmo para alcançar a cooperação. E o pranto que antes se ouvia como lamento e dor poderá tornar-se um choro de emocionada alegria.”*

## UFRGS e UERGS lançam curso de graduação

**Ensino Convênio**  
*entre universidades garante o início das aulas em agosto*

**Ânia Chala**

Numa iniciativa inédita, a UFRGS e a UERGS lançaram o edital do processo seletivo ao curso de graduação em Ciências Biológicas, com ênfases em “Biologia marinha e costeira” e “Gestão ambiental, marinha e costeira”, a ser realizado em parceria a partir do segundo semestre deste ano, nos municípios de Imbé e de Cidreira. No lançamento, ocorrido no dia 14 de junho, estiveram presentes os reitores das duas universidades e representantes das unidades envolvidas.

Para o reitor José Carlos Hennemann, a importância da iniciativa engloba vários pontos. O primeiro deles é o fato da UFRGS estar trabalhando em parceria e em condições de igualdade com outra universidade também pública. O segundo aspecto a salientar é o oferecimento de um curso de graduação numa região diferente da área metropolitana, atendendo a uma necessidade daquela localidade.

Segundo ele, “essas características fazem deste um momento histórico da Universidade, por estar inovando na graduação através da forma como o curso está sendo oferecido”.

Nelson Boeira, reitor da UERGS, acredita que o convênio tem um significado que ultrapassa as instituições participantes. O dirigente considera que se trata de uma inovação institucional importante de colabo-

ração entre universidades públicas no plano dos cursos de graduação, expandindo vagas qualificadas que atendem às necessidades específicas do nosso litoral.

Ele também lembrou que o desenho do curso foi preparado por uma comissão mista das duas instituições, durante cerca de dois anos, e que deverá ter consequências práticas significativas para as regiões atingidas.

Nesse sentido, Nelson Luiz Gruber, diretor do Centro de Estudos de Geologia Costeira e Oceânica da UFRGS (Ceco), que é uma das unidades parceiras na realização do curso, destacou que “a costa gaúcha passa por processos bastante complexos, com ações humanas convergindo de uma forma muito rápida e afetando violentamente aqueles ecossistemas”.

De acordo com o geógrafo, “a água é uma grande preocupação e

por isso temos que trabalhar muito no desenvolvimento de novas formas de planejamento, uso e gestão dos recursos hídricos, dos recursos costeiros e da própria forma de ocupação do litoral”.

Já a diretora do Ceclimar, Norma Würdig, disse acreditar que a iniciativa é um importante empreendimento da UFRGS, para o qual o centro que dirige irá fornecer toda a estrutura possível. “Abordaremos várias áreas do conhecimento, através de parcerias com os institutos de Biociências, Geociências, Pesquisas Hidráulicas e de Química”, informou a professora.

O curso estará com inscrições abertas até o dia 9 deste mês no site [www.ufrgs.br/coperse/pse/](http://www.ufrgs.br/coperse/pse/), e as aulas serão desenvolvidas a partir de agosto. O processo seletivo específico para ingresso será realizado no dia 30 de julho.

## Vitrine dos periódicos

**Educação & realidade – Discursos, currículo e cultura**  
Volume 30, Nº 1 - jan/jun 2005

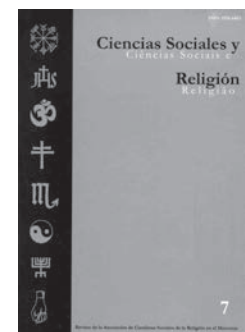
Revista semestral publicada pela Faculdade de Educação da UFRGS  
Editora: Rosa Maria Bueno Fischer  
R\$ 16



Segundo a editora da publicação, os artigos apresentados tratam da educação – e especificamente do currículo –, a partir de debates sérios e atentos aos grandes temas de nosso tempo. “Em todos eles, temos a explicitação de um certo ponto de vista teórico, de uma possibilidade de leitura, de um modo diferente de ‘pescar’ a palavra, a imagem, e nesse gesto ‘pescar’ algo da chamada realidade. Mas sempre com a certeza da incerteza”, diz a editora. No artigo *De que realidades “falam” os anúncios de prevenção ao HIV/AIDS?*, os autores discutem o entendimento de agentes comunitários de saúde de Porto Alegre sobre um conjunto de cinco anúncios televisivos de campanha de prevenção que tratavam de temáticas relacionadas às mulheres. A análise dos dados procurou apontar, a partir dos estudos feministas e dos estudos culturais, alguns aspectos relativos à dimensão cultural e política da estratégia governamental, que se vale da televisão como uma instância pedagógica para apresentar campanhas de saúde.

**Ciências sociais y religión / Ciências sociais e religião**  
Nº 7, Ano 7, setembro de 2005

Revista anual da Asociación de científicos sociales de la religión del Mercosur  
Editores: Ari Pedro Oro, Carlos Alberto Steil e Eloísa Martín  
R\$ 12



A publicação está dividida em duas seções: a primeira, composta por seis trabalhos que abor-

dam temáticas diferentes, e a segunda, dedicada à obra do antropólogo Pierre Sanchis. Destaca-se o texto de Leonildo Silveira Campos, intitulado *De “políticos evangélicos” a “políticos de Cristo”: a trajetória das ações e mentalidade política dos evangélicos brasileiros na virada do século XX para o século XXI*, que analisa a mudança do comportamento político de evangélicos e pentecostais brasileiros. Para o autor, os evangélicos têm assumido o mandato político como uma vocação missionária. São analisadas a ação política das igrejas Universal do Reino de Deus e Assembléia de Deus, e a trajetória de Anthony Garotinho.

As publicações aqui divulgadas podem ser adquiridas nas Livrarias da UFRGS



# Universidade também é ambiente de lazer

## Cotidiano

*Diversão, esportes e atividades lúdicas ajudam estudantes a se integrar ao meio acadêmico*

– Truco!  
– Quero!

Esse fraseado pode parecer estranho a quem não é adepto do jogo de truco, mas é bastante comum entre os estudantes da UFRGS em suas horas de folga. No início de tarde de uma quarta-feira ensolarada, a aluna de educação física Tatiana Redivo arruma o baralho espanhol para jogar com seus colegas. Sentados à mesa do bar recém-inaugurado na Esef, Vítor Ely, Jaqueline da Silva e Vinícius Murade aguardam a amiga embaralhar as cartas, comendo balas e contando piadas. O clima é de total descontração, contrastando com a imagem de seriedade e estresse muitas vezes associada à vida acadêmica.

O espaço privilegiado do Campus Olímpico, contudo, não é desprezado pelos alunos, que também costumam jogar muito vôlei e basquete nas horas de lazer. Eles optaram por uma atividade mais “sedentária” como o truco porque o ginásio de esportes está em reformas e por conta disso as quadras externas foram ocupadas para as aulas. Logo adiante, sentadas em bancos, conversam Taís Monteiro e Maria José da Cruz. “Gosto muito de sentar por aqui e relaxar nos intervalos entre uma aula e outra” conta Taís. Sua amiga acrescenta: “Aqui na Esef tem muito verde, e podemos assistir às aulas práticas das modalidades que gostamos”. Volta e meia, alguém traz um churrasco para tornar os bate-papos ainda melhores.

Na sede central do DCE, no andar acima do RU 1, no Campus Centro, os estudantes têm livre acesso ao espaço de convivência, onde podem desfrutar de ambiente seguro e confortável para interagir. Assim como no Campus do Vale, a mesa de sinuca é a atração principal. Entre uma tacada e outra, os alunos do curso de agronomia Jonas Arenhart e Rogério Fontoura contam que sempre passam por ali para jogar antes das aulas de tarde. “É importante ter convivência com os colegas” diz Arenhart, que também participa dos eventos culturais promovidos dentro da universida-



O jogo de sinuca é uma das opções dos estudantes

FLAVIO DUTRA

de, como as apresentações do projeto Unimúsica, no Salão de Atos.

Além de sofás, xadrez e sinuca, o espaço de convivência do DCE central tem à disposição computadores com acesso livre à Internet. A aluna de artes plásticas Taiara Peter aproveita o horário do almoço para navegar na rede; para ela, as máquinas disponíveis no diretório são muito importantes, já que ela não tem computador em casa. No Instituto de Artes, Taiara costuma frequentar o centro acadêmico, ponto de encontro dos estudantes de sua unidade. “Quem não aparece por lá acaba até ficando com fama de ‘azeite’, parece que quer ficar excluído da galera”, comenta a estudante, acrescentando que participar não somente como colega nas aulas, mas também como parceiro em atividades fora das salas é essencial para fortalecer laços com pessoas dentro da universidade.

**Mais do que lazer** – Os espaços de vivência oferecidos pelo DCE nos campi Centro e do Vale têm um papel maior do que simplesmente entreter os alunos em suas horas de folga. O ambiente de descontração é uma boa forma de atrair os estudantes da UFRGS para perto da sede, que ouve o que eles têm a dizer e atua como sua voz dentro da

universidade, como explica o bolsista e estudante de artes plásticas Anderson Alves, mais conhecido entre seus amigos como Kenny. “Aproveitamos o pessoal aqui reunido para fazer mobilizações e prestar contas do que o DCE anda fazendo em prol da comunidade acadêmica.” É uma forma inteligente e criativa de amenizar o problema de comunicação entre os cursos. Sempre que ocorre algum evento artístico, como um sarau

## Alunos querem mais atividades esportivas de extensão gratuitas

ou teatro, procura-se também inserir o debate político.

Ambientes de convívio e lazer propiciam ainda a troca de informações e idéias entre os frequentadores, facilitando o trabalho do Diretório, que muitas vezes não tem como produzir cartazes e passar em todas as salas de aula pra divulgar eventos. “Unimos o útil ao agradável, e quem quiser pode participar só pra conhecer pessoas, fazer amizades”, conta Kenny. Outra razão

importante para atividades fora da sala de aula é que através delas os colegas podem se conhecer melhor. Os alunos sentem falta de encontrar as pessoas com quem ingressaram na faculdade, algo dificultado pela falta de tempo e pela variabilidade das turmas nas disciplinas.

Uma reivindicação constante dos estudantes do Campus do Vale é a implantação de quadras esportivas. Kenny acredita que esse é, por enquanto, apenas um ideal, mas que seria muito bom para os alunos poderem praticar algum exercício físico, um jeito mais eficiente do que os jogos sedentários para aliviar o estresse das aulas. Pensando nisso, o DCE promoveu em parceria com a Esef os *Jogos da UFRGS*, realizando várias atividades de integração para os alunos, durante um sábado do semestre passado no Campus Olímpico. Esportes tradicionais, como o futebol, dividiram espaço com jogos de mesa e outros, em campeonatos em que qualquer um podia entrar e participar. O objetivo, porém, era confraternizar e não competir; os jogos duraram o dia inteiro e, ao final, os pontos foram contados de maneira simbólica.

**Competições unem alunos** – Se os jogos da UFRGS não eram competitivos, o mesmo não se pode dizer dos outros campeonatos disputados dentro das unidades. A rivalidade entre turmas e semestres faz parte da diversão, tornando ainda mais empolgantes principalmente os torneios de futebol nos fins-de-semana. Quem organiza os jogos semanais na Esef são os estudantes de arbitragem, que fazem do lazer de seus colegas um estudo profissional. Depois da Copa do Mundo, o DCE planeja organizar um campeonato de futebol entre todas as unidades que se interessem em formar times e se inscrever.

Ainda que o bate-bola inventado pelos ingleses e consagrado por nós seja a preferência da maioria, um jogo importado da Espanha vem tomando conta dos campi: o truco. Nos bares e lanchonetes próximos às faculdades ou mesmo dentro dos diretórios acadêmicos é comum ver pelo menos um grupo de alunos. Para jogar, não é exigido mais do que um baralho espanhol e duas

pessoas; o fato de dispensar local específico para praticá-lo também contribuiu para popularizar esse jogo de cartas. Porém o que parece conquistar mesmo as pessoas é a linguagem única do truco gaudério, seus blefes e sinais secretos para passar mensagens ao parceiro.

Na Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, a brincadeira se tornou coisa séria. Foi criada a Confederação Fabicana de Truco (Cofatruco), que organiza seis diferentes campeonatos para os associados. O aluno de jornalismo Vicente Dutra Fonseca foi quem trouxe o jogo para dentro da faculdade. “Fazia jogos isolados e percebi que mais pessoas conheciam o truco”, lembra o estudante. “No segundo semestre de 2004, realizamos o primeiro torneio.” As regras foram padronizadas a partir do *site* [trucoilivre.com.br](http://trucoilivre.com.br), pois elas costumam variar muito de uma região para outra. Vicente, por exemplo, aprendeu a jogar truco do modo como ele é praticado em São Borja, onde seu pai nasceu. As competições ajudaram a fortalecer a amizade entre alunos de semestres diferentes. “Gostava muito de conversar com um pessoal mais adiantado, uni isso ao interesse pelo carteador para aprender a jogar truco”, conta Frederick Posselt, também estudante de comunicação social.

O coordenador-geral do diretório acadêmico do curso de Educação Física, Eduardo Perguer, acha que a Esef poderia comportar um número maior de atividades de lazer para os estudantes. “Temos um espaço muito bom aqui, com ginásios e quadras que são alugados para fora. A idéia é abrir para a comunidade acadêmica usar nos fins-de-semana.” Para pôr isso em prática, ele sugere mais projetos de extensão com esportes e que sejam gratuitos, permitindo a participação de alunos que não têm condições de pagar em mensalidades da academia de musculação e piscina, por exemplo. “Não é preciso muito mais do que isso para aproveitar melhor o espaço que temos e atender aos pedidos dos estudantes”, conclui.

Luiz Ricardo Linch, estudante do 7º semestre de jornalismo da Fabico



Jogo de truco ganhou até torneio, organizado pelos estudantes da Fabico

VANESSA BORSATO



# Projeto de extensão reúne grafiteiros e arquitetos

**Trocando idéias** Professor de urbanismo mistura a experiência das ruas com a teoria da Universidade para integrar novos conceitos à arquitetura

**Ânia Chala**

Desde o início deste semestre, está em andamento na Faculdade de Arquitetura da UFRGS um projeto de extensão inovador, que reúne grafiteiros e estudantes de arquitetura para uma troca de experiências. O projeto é coordenado pelo professor Rogério Malinsky, do Departamento de Urbanismo, para quem não há dúvida de que uma iniciativa dessa natureza também é papel da Universidade.

Malinsky diz que a idéia surgiu a partir do reoferecimento da disciplina eletiva do curso de Arquitetura denominada *O projeto nos espaços abertos*. Quando já estava com o programa organizado, participou de um painel no Santander Cultural, no qual foi lançado um livro sobre o grafite no Brasil, com trabalhos de grafiteiros gaúchos.

“Naquele momento, me ocorreu envolver os grafiteiros nessa disciplina sob um tema maior que chamei de *Arte e espaço público*, que não é discutido no curso de Arquitetura, nem no de Artes Plásticas. Imaginei que seria uma boa oportunidade de analisarmos essa variável, já que existe toda uma polêmica envolvendo grafiteiros e pichadores”, relata o professor. Além disso, para ele, pintar paredes ou muros pelas ruas não é uma coisa alternativa, porque sempre foi parte da arquitetura. “A primeira manifestação artística do homem foi desenhar na parede das cavernas.”

Formalizado com o apoio da Faculdade como uma ação extensionista, o projeto está funcionando tão bem que o coordenador acredita estar formando *grafitatos*. Ele recorda que sua primeira preocupação foi saber como os próprios alunos do curso receberiam aqueles novos colegas, mas a receptividade foi imensa. “Adaptei alguns conteúdos da antiga disciplina, fugindo do jargão dos arquitetos para apresentar os conceitos, mas sem rebaixar o nível para que nossos alunos pudessem aproveitar ao máximo a disciplina. Assim, procuramos desenvolver o repertório e os componentes intrínsecos do espaço público urbano, que são os nossos elementos de composição.” O projeto está funcionando com 12 participantes, cinco alunos de arquitetura e sete grafiteiros.

Segundo o coordenador, a cada semestre mudam os alunos de arquitetura, enquanto alguns *grafitatos* permanecem, sendo refor-

çados pela entrada de novos participantes. Ele explica que o projeto de extensão tem quatro vertentes. A primeira é a da formação e desenvolvimento em arquitetura e arte de rua. A segunda envolve a prática, em que se pretende humanizar um espaço, desenvolvendo um projeto em conjunto. A terceira é o trabalho do grafite como arte, através da produção de objetos descartáveis, a partir de papelão, para serem “roubados” pelos transeuntes. “O próprio grupo teve a idéia de pintar os objetos num local público tipo o Brique da Redenção, com os alunos da arquitetura criando o *design*”, explica Malinsky, que pretende fotografar e filmar as pessoas ‘roubando’ o produto desse trabalho. A última vertente do projeto, conforme o arquiteto, é fazer com que esses grafiteiros se transformem em monitores de futuras oficinas e cursos em centros culturais, em associações de bairro nas escolas e também na própria UFRGS. Assim, eles atuam como difusores dessas nossas idéias, completando o ciclo.

**Disseminando conceitos** – O espaço aberto, o espaço público urbano, é o negativo da cidade e, por isso, em sala de aula, Malinsky costuma comparar as cidades a um grande sorvete *sundae*, no qual as construções e edificações corresponde ao *marshmallow*. Para o arquiteto, a comparação facilita uma abordagem diferenciada sobre a ocupação dos espaços urbanos, porque suscita questões quanto às tensões existentes. “As cidades crescem aos poucos, e a percepção de quem usa o espaço público não é integral, a não ser em cidades planejadas, como Brasília. No nosso caso, fazemos a cidade aos pedaços, com milhares de cabeças idealizando diferentes regiões. Então, temos várias Porto Alegres coexistindo em milhares de cabeças. A idéia é dar essa visão global aos participantes, porque ela representa um potencial de trabalho”, argumenta o professor.

O grupo constituiu-se de moradores de periferia com idade entre os 20 e os 30 anos. Desse, somente dois conseguem viver de seu trabalho como grafiteiros. Os demais vivem de “bicos”, mas já estão direcionados para a profissionalização, porque existem exemplos



Grafiteiros são artistas de rua, que gostam de afirmar essa característica

nacionais e internacionais. Malinsky esclarece que a perspectiva deles é a profissionalização, mas não no sentido de se tornarem artistas de galeria. “Eles são artistas de rua e gostam de afirmar essa característica, preservando todo um espírito de informalidade e compartilhando códigos internos sobre sua arte.”

Depois de mais de dois meses de aula, o arquiteto pôde constatar que os grafiteiros não tinham um senso de composição global. Há algum tempo, quando foi feita a pintura do muro da Avenida Mauá, por exemplo, eles não tinham a menor noção de composição, nem de como o observador perceberia os seus trabalhos. Hoje, os grafi-teiros que participam do projeto reconhecem que aquele foi um trabalho perdido, porque a percepção naquele local envolve velocidade e cada grafite é visto em apenas um segundo e meio. “Procuramos trabalhar com essas noções de composição e de percepção para levá-los a pensar a coisa em conjunto, mas isso não quer dizer que vamos padronizar seus trabalhos, e sim fazer com que eles tenham um *layout* comum, uma articulação das temáticas”, afirma o professor.

## O importante é passar da repressão ao vandalismo para um trabalho de humanização do espaço público

Malinsky acrescenta que a idéia é otimizar e potencializar o trabalho individual. “Eles desenham bem e têm muita facilidade de expressão gráfica. Mas não adianta sairmos para produzir algo e cada um trabalhar da mesma maneira de sempre, tanto eles quanto nós arquitetos. É preciso criar um ‘caldo’ comum.”

O professor espera que quando os alunos de arquitetura desenvolverem um projeto, passem a considerar de que forma colocar painéis ou obras de arte, sem utilizar apenas o que sobra, o espaço residual. “Quero que eles se perguntem como a arte pode valorizar cada ambiente.”

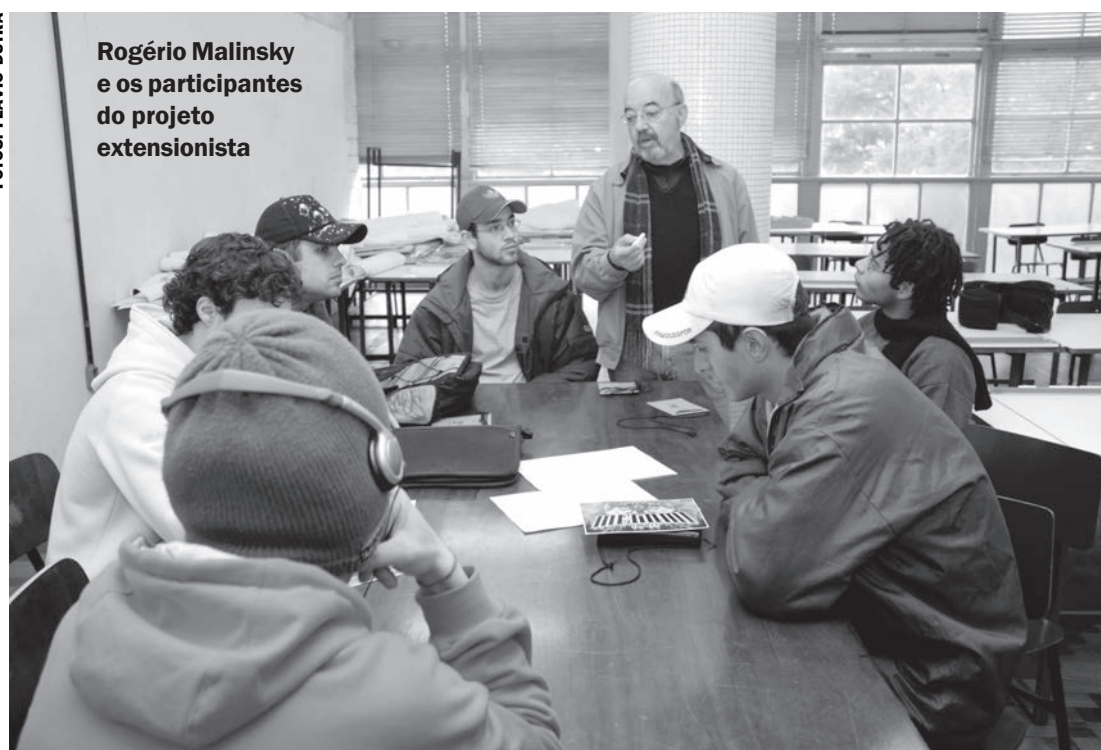
Como resultado do convívio entre os dois grupos, uma das alunas de arquitetura que fez parte da mostra Casa & Cia., convidou os *grafitatos* para pintarem um painel no espaço do restaurante da exposição. Assim, Johnatan, mais conhecido como JP, e Trampo, tiveram seus trabalhos divulgados na imprensa. “Isso confirma que existe um clima favorável à integração”, conclui Malinsky.

**Grafiteiros x pichadores** – Para o arquiteto, provavelmente, a grafiteagem teve origem na pichação, como um gesto de afirmação pessoal e individual, pois vivemos numa sociedade em que para ser alguém é preciso aparecer na mídia. Ele acredita que grafiteiros e pichadores são expressões individuais ou coletivas dos excluídos urbanos. “Mas, quando entra em campo a expressão artística, ocorre uma bifurcação: o pichador quer enfrentar desafios e se lança em disputas internas para ver quem pinta no lugar mais alto ou mais policiado”, diz o professor para quem a mídia comete um erro ao publicar a imagem dessas pichações, porque isso traz notoriedade ao pichador.

“O certo seria promover uma ação positiva, como estamos tentando fazer aqui na UFRGS, sem expor na mídia o produto do trabalho deles”, sustenta Malinsky, para quem o importante é sairmos da repressão ao vandalismo para um outro trabalho que envolve a humanização do espaço público.

De acordo com o arquiteto, os grafiteiros têm pretensões bem distintas: eles pintam porque gostam e tanto faz se ganham dinheiro ou não. “Grafiteiros e pichadores são grupos completamente diferentes, que não gostam de se referir uns aos outros. Há uma disputa de espaço entre os dois lados.” Os grafiteiros trabalham por empreitada e pintam em paredes autorizadas. Enquanto em São Paulo já são comuns os trabalhos feitos em interiores, aqui temos grafiteiros em casas de bingo e restaurantes. “Eles estão numa fase intermediária, deixando de ser vistos como marginais. Por isso, a vinda para este projeto está sendo muito valorizada, porque é uma forma de dignificar seu trabalho. Um dia desses ouvi um dos grafiteiros dizer a outro no corredor da faculdade que o maior sonho dele era estar na UFRGS.”

Malinsky finaliza dizendo que sua meta é transformar pichadores em grafiteiros, fazendo com que os primeiros tenham inveja da inserção, do destaque e da valorização que os grafiteiros alcançarem. “Quando isso acontecer, estaremos prontos a recebê-los aqui, porque mesmo na pichação existe alguma arte. O problema é que eles estão trilhando um caminho errado”, conclui.



Rogério Malinsky e os participantes do projeto extensionista



## Prefeitura diferencia grafiteiros de pichadores

Segundo o secretário de Direitos Humanos e Segurança Urbana da prefeitura de Porto Alegre, Kevin Krieger, o governo municipal está preocupado em diferenciar grafiteiros de pichadores. Recentemente, a Secretaria da Cultura liberou vários locais para os grafiteiros da cidade exporem a sua arte, como o muro da Avenida Mauá e alguns viadutos. Paralelamente, estão sendo realizadas oficinas de grafite e *hip-hop* para cerca de 200 crianças e adolescentes em oito áreas de prevenção à violência, em que os grafiteiros são contratados para fazer esse trabalho nas comunidades. “Nós diferenciamos muito bem os dois grupos e estamos apoiando o grafite, embora tenhamos informações de que existem grafiteiros que também são pichadores”, informou o secretário.

Disponibilizado de forma experimental desde o dia 25 de maio, o 153, Dique-pichação ainda está em fase de avaliação e, de acordo com o dirigente, é apenas uma das ferramentas para o combate às pichações, pois ele acredita que a solução para o problema passa muito mais pela educação do que por qualquer outra iniciativa.

Por enquanto, o serviço está estruturado com apenas uma linha telefônica e funciona 24 horas por dia em parceria com a central de operações da Guarda Municipal, que aloca seis guardas para a realização de rondas. Além disso, está sendo acertada uma parceria com a Empresa de Tecnologia da Informação e Comunicação de Porto Alegre (Procempa), que prevê a instalação de câmeras de vídeo para monitoramento dos principais monumentos. “Começaremos pelo Monumento ao Expedicionário, depois, provavelmente, a Praça da Matriz e, assim, aos poucos, esperamos combater o problema”, informou Kevin Krieger, acrescentando que o centro da capital, por ter um número maior de obras, dispõe de três a quatro viaturas, que circulam no turno da noite, fazendo a ronda para prevenir a ação dos pichadores.

Em pouco mais de 30 dias de funcionamento, o 153 recebeu várias informações sobre quem são e aonde moram os integrantes dos grupos de pichadores, o que permitiu que dados importantes fossem repassados à Polícia Civil para investigação.

Até o início de junho, 14 pessoas haviam sido presas no centro de Porto Alegre, na maioria jovens de classe média, do sexo masculino e estudantes universitários. “Identificamos cerca de 10 grupos de pichadores ativos na cidade e sabemos que também existem pichadores em comunidades carentes como o Morro da Cruz e a vila Maria da Conceição.”

Kevin Krieger adiantou que está sendo organizada uma grande parceria entre Brigada Militar, Polícia Civil, Ministério Público e as Secretarias do Meio Ambiente, da Cultura e da Juventude para a criação de um sistema integrado de combate à pichação. Assim, no momento em que houver a denúncia e a prisão em flagrante, abre-se um processo que é encaminhado ao Ministério Público, através da Promotoria do Meio Ambiente. E, a partir daí, iniciam-se os procedimentos para processar os responsáveis

por dano ao patrimônio ou crime ambiental, dependendo do caso. “No momento em que prendermos os integrantes de grupos como ‘Risco’, ‘Dano’ ou ‘Dupla’, três dos que mais sujam a cidade, teremos dados suficientes para processá-los e fazer com que respondam por todos os danos que causaram, porque eles deixam suas assinaturas nas pichações.”

Para o secretário, a imprensa acaba dando notoriedade aos pichadores, ao publicar fotografias do resultado de suas ações. “Mas isso é involuntário, porque se foi danificado um monumento importante para a sociedade é impossível querer que a imprensa não fotografe o local. Precisamos utilizar a força da mídia para o combate ao problema, com a divulgação de iniciativas como o serviço do 153.”

Informado sobre o projeto em andamento na UFRGS, o titular da Secretaria de Direitos Humanos e Segurança Urbana considerou que a iniciativa poderá colaborar no sentido da educação e da prevenção. “O trabalho com os grafiteiros irá fornecer dados importantes, indicando em que pontos a educação está falhando e o que poderíamos fazer, como prevenção, dentro das escolas públicas. Nesse sentido, a atuação da UFRGS é fundamental.”

**Precisamos da força da mídia para combater as pichações, divulgando iniciativas como o Disque-pichação**

## O que pensam grafiteiros e arquitetos

### Nathan

“Estou valorizando bem mais os arquitetos e tento fazer minha arte interagir com o trabalho deles. Antes, olhava um espaço, pedia autorização e saía desenhando sem considerar o contexto. Dentro da UFRGS percebi que há um leque muito aberto para a troca de experiências entre grafiteiros e arquitetos. Quanto aos pichadores, aqui ainda não há tanta rivalidade a ponto dos grupos se agredirem, como acontece em São Paulo, onde já teve gente se matando, porque um picha sobre o trabalho do outro. Entre os grafiteiros de Porto Alegre não existe competição, um não tenta ser melhor do que o outro. Se não houvessem pichadores no Brasil, talvez a mídia estivesse batendo nos grafiteiros. Assim, nós viramos os mocinhos, e os pichadores ficaram com o papel dos bandidos. A pichação não nasce na rua, mas dentro dos colégios. É muito raro entrar num colégio e não encontrar classes riscadas.”

### Mateus

“A experiência está sendo super válida, até para que a gente comece a entender o que está acontecendo em Porto Alegre. Eu não tinha percebido o quando o grafite está por

toda a cidade. Acho que o trabalho deles é muito legal e que essa mistura vai valorizar aos dois grupos, se conseguirmos criar uma linguagem comum, tirando essa carga de marginalidade que lhes é atribuída. Para mim, eles são como artistas.”

### Pedra

“Tanto dentro da tribo dos pichadores quanto dos grafiteiros há pessoas muito românticas e outras com um ego muito grande. Há alguns que chegam para ti e dizem ‘pichei a tua casa, que segurança tu tens?’ Eles colocam essas questões porque segurança é mesmo uma coisa que não se tem, por mais que a gente se tranque dentro de casa. Então, às vezes, é um questionamento maior sobre a falta de segurança das nossas cidades. Outros, fazem aquilo para alimentar o ego, para serem conhecidos. Entre os grafiteiros, há aqueles com ‘alma de pichador’, que fazem *bomb* (grafites mais rápidos feitos nos lugares mais difíceis) em qualquer espaço. É uma coisa meio subversiva, mas acho que o grafite nunca vai tirar a pichação de cena, porque são formas de pensar e atitudes diferentes. E as condições para o surgimento da pichação vão continuar.”

### Júlia

“Acho interessante este encontro, porque tanto nós quanto eles trabalhamos com o mesmo objeto. Antes, eles usavam o espaço que sobrava de nossos projetos de arquitetura sem saber a importância disso para nós, e as coisas permaneciam completamente separadas. Considero muito bom que possamos trabalhar



Grafites e pichações têm características de contestação ao modo de vida das sociedades contemporâneas

## Psicologia estudou mensagens

Para a professora Cleci Maraschin, do Departamento de Psicologia Social e Institucional da UFRGS, pichações e grafites têm características de movimentos de contestação ao modo de vida das sociedades contemporâneas e não deixam de ser uma tentativa de comunicação que precisamos aprender a ler. A professora orientou a dissertação de mestrado do psicólogo Giovani Souza Andreoli que, durante um ano, conviveu com os grupos de grafiteiros e pichadores, estudando seus grafismos. O trabalho concluiu,

entre outras coisas que através dos grafismos se estabelece uma espécie de conversação entre diferentes grupos.

O psicólogo pôde verificar que há grupos com códigos de conduta bem definidos, que têm como características comuns a vontade de intervenção e da troca, de mostrar-se e de ver o trabalho dos outros. “Não se pode olhar só pelo lado negativo, porque a opinião pública e o próprio Direito mudam com o passar do tempo e de acordo com os costumes de cada época.”

juntos, desenvolvendo uma concepção única. Isso vai qualificar as atividades de ambos os lados e, como artistas, eles irão colaborar com nosso trabalho. Como arquitetos, temos que buscar o bem-estar em qualquer espaço que projetamos. Havendo uma comunicação melhor entre todos os envolvidos, esse processo irá tornar-se muito mais fácil.”

### Bina

“Entre os grafiteiros de Porto Alegre existem só cinco gurias atuando efetivamente e são muito respeitadas. Há outras que entram por uma questão de moda, mas elas não permanecem por muito tempo. Eu consigo viver do grafite, ministrando oficinas para a comunidade da Restinga. Há pouco tempo, vivi a experiência de participar de um concurso de telas de grafite, promovido pela prefeitura da Sapiranga, mas quem acabou ganhando o primeiro lugar foi um pichador. Às vezes as diferenças não ficam claras.”

### Fernanda

“Como arquitetos, teremos que trabalhar com diferentes tipos de arte, tentando buscar a humanização dos espaços. Por isso, precisamos entender as linguagens uns dos outros, descobrir que mensagem eles querem transmitir, para que saibamos quando e como utilizá-las arquitetonicamente. Quando formos fazer um projeto em parceria com os grafiteiros, iremos primeiro identificar que tipo de grafite é mais adequado àquele espaço. De certa forma, os grafiteiros têm um estilo e um repertório próprios, assim como os arquitetos.”



### Rodrigo

“Acho devemos nos perguntar por que temos tantos grupos fazendo pichação e grafite. As duas coisas estão em processo de evolução em Porto Alegre. Li uma reportagem sobre umas oficinas realizadas com a polícia e os grafiteiros em Minas Gerais para que os policiais aprendessem a diferenciar o que é pichação, os estilos de letra etc. Achei muito legal, porque iniciativas como essa realmente podem mudar as coisas.”





# O destino do Timor Leste em tempos de paz

**Política** Professor diz que o país deve continuar independente, mas sob controle de uma potência estrangeira

**Ademar Vargas de Freitas**

A violência voltou às ruas da capital do Timor Leste, ex-colônia portuguesa assolada pela pobreza e pelo subdesenvolvimento, embora tenha uma plataforma marítima rica em petróleo e gás natural. Outra vez, parte da população foi obrigada a pedir abrigo em igrejas ou a fugir para as montanhas, na maior crise política desde a independência, e que resultou na renúncia do primeiro-ministro Mari Alkatiri.

De acordo com o professor Paulo Visentini, Secretário de Relações Institucionais e Internacionais da UFRGS, conflitos como esse, provocados por desentendimentos dentro das forças armadas, entre outras questões, podem degenerar em nova guerra civil, atraindo outra vez as tropas de ocupação. “Ao retornar ao país, a elite que se reuniu no exílio passou a ditar ordens aos que ficaram e que constituíam a base do exército, dando-lhes as tarefas mais ingratas. Isso causou a revolta desses militares, que acabaram expulsos e passaram a se manifestar violentamente.”

Mas essa não foi a primeira crise pós-independência enfrentada pelos timorenses. Em 2005, a repressão de jovens juizes formados em direito em universidades indonésias botou mais lenha na fogueira do descontentamento, já ativada pela forma com que a ONU e suas missões geriam a construção do país, desconsiderando grupos com menor poder de influência.

Também no ano passado, durante 19 dias, milhares de pessoas foram às ruas da capital, Dili, em protesto contra a decisão do Executivo de retirar o ensino religioso do currículo escolar, projeto defendido pelos apoiadores de Alkatiri, líder que esteve fora do país durante a maior parte do período de ocupação indonésia, como Ramos Horta e o atual presidente Xanana Gusmão.

**Guerra civil** – Quando a Revolução dos Cravos destituiu o regime salazarista, em 1974, Portugal decidiu retirar-se do Timor Leste, o que deu lugar a uma guerra civil



Mulheres timorenses fazem cestos numa rua de Baukau

ARQUIVO PESSOAL/FERNANDO KOBOLDT

entre três facções armadas: a UDT, que reunia a elite local, favorável a manter vínculos com Portugal; a Apodeti, pró união com a Indonésia; e a Fretilin, organização de esquerda que previa a independência total do território.

A intenção da Indonésia de anexar o Timor Leste já existia no regime nacionalista, mais à esquerda, liderado pelo presidente Sukarno, e continuou a existir na ditadura direitista de Suharto, instalada nos anos 60, que incentivou a ação da Apodeti, com o beneplácito dos Estados Unidos.

Em 1974/75, os americanos estavam saindo do Vietnã e não queriam outro regime de esquerda na região. A Austrália também não desejava isso. Então, a Indonésia recebeu sinal verde e, na iminência de uma vitória da Fretilin, invadiu e anexou o território, com o apoio de facções conservadoras locais e com a complacência das potências ocidentais,

mesmo sem ter o reconhecimento da ONU.

A Fretilin manteve, no interior montanhoso da ilha, um movimento de guerrilhas que aos poucos foi perdendo força. Seguiu-se uma brutal repressão, que durou dez anos, diante da omissão portuguesa e do silêncio internacional,

## A saída para o país pode estar no turismo e no petróleo

já que os invasores eram aliados dos Estados Unidos na contenção dos movimentos de libertação nacional do Sudeste Asiático.

Mas nos anos 90, com o fim da Guerra Fria, o quadro político-econômico se alterou: os Estados Unidos viraram sua estratégia em rela-

ção a alguns aliados preferenciais, enquanto os países asiáticos buscavam maior autonomia frente ao Ocidente. Por essa época, a questão do Timor Leste era lembrada em campanhas internacionais. O líder da resistência no exílio, Ramos Horta, recebeu o Prêmio Nobel da Paz, e Portugal voltou à cena, agora como apoiador da libertação da ex-colônia. No Timor, recomeçaram os protestos, e a repressão foi retomada com intensidade.

A Indonésia resistiu, até que a crise financeira derrubou sua economia e Suharto foi destituído do poder. Com a economia enfraquecida e o surgimento de protestos políticos, rebeliões separatistas e massacres de minorias étnico-religiosas em algumas das mais de 18 mil ilhas e ilhotas que compõem o arquipélago indonésio, realizaram-se eleições, vencidas pela oposição.

Desmotivadas, as forças indonésias deixaram livre curso às violentas milícias anti-independen-

tistas do Timor Leste, com o intuito de desencorajar outros movimentos separatistas no arquipélago. O que se seguiu foi mais um grande massacre, até a realização do plebiscito que aprovou a independência do Timor Leste, em 2002.

Para obter apoio internacional, o movimento de independência, sendo de esquerda, teve que renunciar a muitos pontos de seu programa e precisou aceitar alguns compromissos, criando uma questão difícil de resolver. Como explica Visentini. “Certamente, o Timor Leste vai continuar independente, mas algum país terá que assumir sua reconstrução. E esse país deverá ser a Austrália, que está perto e tem interesse nas jazidas de petróleo da plataforma marítima timorense. A tendência é que se torne um país semelhante a alguns arquipélagos do Pacífico, que por serem fracos dependem do controle externo de uma potência estrangeira.”

## O povo timorense visto de perto

O cirurgião gaúcho Fernando Koboldt Machado fez parte da missão patrocinada pelo Ministério da Saúde que, em 2002, levou cinco médicos do Grupo Hospitalar Conceição a trabalhar por três meses no Timor Leste. Ele e dois colegas, a anestesista Maria da Graça Falkenbach e o obstetra Nicolau Amaro Guedes, ficaram na cidade de Baukau, 200 quilômetros a leste de Dili.

Fernando observou que, apesar da ascendência guerreira, o povo é amável com os estrangeiros, e se mostra até um tanto servil, resultado de tantos anos de opressão por parte dos portugueses e, mais ainda, dos indonésios. Mas a luta está na índole dos timorenses, pois no país sempre houve guerras, rebeliões e resistência.

“Eles nunca toleraram os estrangeiros, nem mesmo os portugueses, que, ao contrário dos holandeses, se misturaram ao povo”, explica o

cirurgião. “Durante a II Guerra, os japoneses invadiram o Timor na tentativa de transformar a ilha num trampolim para invadir a Austrália. Não conseguiram, devido à resistência do povo. A Austrália deve isso ao Timor.”

Na biblioteca de Baukau, o médico gaúcho ficou sabendo que o povo timorense é uma mistura de diferentes etnias, temperada com sangue malaio, chinês, português e até negro, trazido no período colonial. Os chineses se instalaram na ilha há cerca de mil anos, ativando o comércio de especiarias e de madeira de sândalo.

Junto com a agricultura, principalmente o arroz, chegou a arte da tecelagem. Os sarongues, usados tanto pelos homens quanto pelas mulheres, têm padronagens ricas e guardam semelhança com os sarongues dos povos do sudeste asiático. Algumas etnias e famílias se especializaram em determinadas atividades, como a agricultura, a costaria, o transporte,



mas as lojas, hotéis e serviços são explorados principalmente por chineses e portugueses, que ainda têm ligação muito forte com as ex-colônias. Há muitos centros administrados pelo clero católico, com igreja e escola, mantidas principalmente por salesianos, jesuítas e maristas. Mas, em geral, o sistema educacional é deficiente.

Koboldt diz que apesar da influência católica, os timorenses são animistas, crêem que a vida é uma passagem e que, quando

morrerem, irão de barco para a terra dos antepassados, o mundo dos espíritos. “Por isso, eles procuram construir suas casas em formato de barco e erguem altares em homenagem aos que se foram.”

Frutas como coco, manga e fruta-de-conde estão por toda a ilha, onde também há cervos, lagartos, aves de plumagem colorida. Búfalos, vacas e cabras completam a paisagem. No mar há grande variedade de peixes, além de enormes crocodilos marinhos, devoradores de homens, que também são encontrados na costa norte da Austrália.

No verão, flamboyants colorem as estradas, mas as matas estão sendo destruídas, como acontece no resto do planeta. À sombra de grandes árvores, os homens fumam cigarros comuns e se divertem com as rinhas de galo ou tocando música com instrumentos rústicos, enquanto as mulheres, numa espécie de atividade social, catam piolhos umas nas outras ou nas crianças.

Também é costume, entre os

adultos, mascar uma goma formada pela polpa de três frutas misturada com cal. A tuberculose, a malária, as verminoses e a desnutrição são doenças comuns nas comunidades. “Vi muitos casos avançados de câncer e fiz muitas cirurgias”, conta o dr. Koboldt.

Das 15 línguas nativas do Timor, o *tétum* é a mais falada. Koboldt observou que, nas cidades, quando necessário, os timorenses usam um português arrezado e um pouco de inglês. Mas evitam falar sobre a guerra, não só por ter sido um grande trauma, mas também porque ainda pode trazer complicações, já que muitos deles trabalharam para os invasores indonésios.

“A guerra matou muita gente, mas o maior assassinato foi cometido contra a cultura popular”, diz o médico gaúcho. “O timorense perdeu sua identidade cultural. Agora, além da busca dessa identidade, precisa encontrar uma saída econômica para sobreviver como povo. E essa saída, além do petróleo, pode ser o turismo: Timor tem belezas naturais capazes de encantar o mundo.”





# LdSM transforma alfabeto *braille* em jogo

**Pesquisa Bolsistas do Laboratório de Design e Seleção de Materiais da UFRGS recebem prêmio nacional**

**Jacira Cabral da Silveira**

De olhos fechados, imagine segurar uma pequena caixa composta por dois octaedros sobrepostos. Agora, gire os dois ao mesmo tempo, em sentidos opostos. A cada novo giro, perceba que as esferas fixas nas laterais formam diferentes combinações, tendo como base duas fileiras paralelas com até três esferas em cada uma. Quando chegar a obter duas esferas no lado superior esquerdo e nenhuma das bolas na face da direita, você terá montado a letra “b”, de Braille, sistema de leitura tátil e de escrita para deficientes visuais, desenvolvido em 1825, na França, pelo jovem cego Louis Braille. Esta caixinha facetada é um jogo criado no Laboratório de Design e Seleção de Materiais da Escola de Engenharia (LdSM).

Segundo o estudante de Engenharia de Materiais da UFRGS Rafael Faria Marques, existem hoje no Brasil quase 20 milhões de pessoas com deficiência visual e cerca de um milhão completamente cegas. A colaboração de Rafael, que tem apenas 10% da capacidade de visão, foi fundamental para que seus colegas bolsistas do LdSM, André Canal Marques e Roberto Faller, desenvolvessem o Jogo do Alfabeto Braille, classificado em primeiro lugar, na categoria estudante no Prêmio Abiplast Design deste ano. Essa premiação busca incentivar a criatividade e a inovação tecnológica com enfoque na nobreza e versatilidade do material plástico.

O Jogo do Alfabeto Braille desenvolvido no laboratório teve a orientação do professor Wilson Kindlein Júnior, coordenador do órgão. Durante a entrevista com André e Wilson, antes do embarque para a França, onde foram apresentar o jogo na fase final de um concurso de inovação voltado para deficientes físicos, outros estudantes também falaram sobre o trabalho que desenvolvem nas seis

linhas de pesquisa do laboratório.

No total, são 40 pesquisadores, entre professores e estudantes de graduação e pós-graduação, de áreas como as engenharias, artes plásticas, biologia e *design*, que trabalham diariamente nas novas instalações do LdSM, na sala 604 do prédio novo da Escola de Engenharia (Av. Osvaldo Aranha, 99).

Rafael diz que qualquer atividade voltada para o deficiente visual carece de recursos. “Simplesmente se pega o que se tem à mão e tenta-se fazer algo.” Comparando à realidade das crianças que enxergam, ele diz que é o mesmo que juntar de forma aleatória tudo o que se tem em casa e dar para a criança brincar. “O mercado não supre esta demanda, e o pouco que existe

## Com o jogo em *braille*, usuário desenvolve a noção dos seis pontos

está concentrado em São Paulo, mas os brinquedos são caros”, resalta o estudante.

**Bolas e linhas** – Na primeira etapa de desenvolvimento do Jogo do Alfabeto Braille, foi observada a questão ergonômica, como as medidas corporais das crianças, para garantir o cumprimento de itens como segurança e conforto. A equipe considerou ainda a medida entre os dedos e o punho de crianças de 5 a 10 anos para estabelecer as dimensões da peça em construção. Também foram observados os princípios de *ecodesign* (concepção de produtos com o menor impacto ambiental negativo possível), tornando-o de fácil descarte no final de sua vida útil.

Quanto à matéria-prima utilizada na fabricação do protótipo funcional, optou-se pelo *nylon*. A

escolha deve-se às características desse polímero: baixo peso específico, alta resistência ao choque, ao desgaste e à abrasão, grande resistência a agentes químicos, auto-extinguibilidade de chama; auto-lubrificante, absorção de vibrações, baixo coeficiente de atrito e movimentos mecânicos silenciosos.

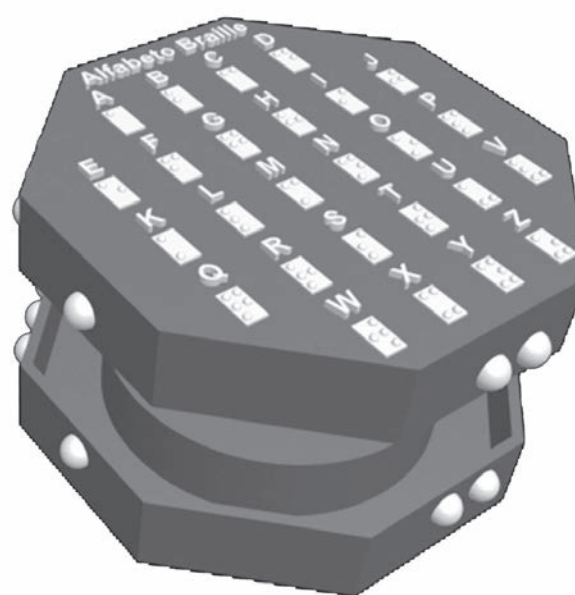
Para a definição do sistema *braille*, foram estudadas as medidas usadas em tablitas para comunicação entre surdos-cegos. Além das seis esferas arranjadas nas laterais dos octaedros, na parte superior destes octaedros foram modelados em relevo o alfabeto *braille* e o sistema numérico, permitindo que a criança interaja ao montar letras ou números com as laterais, comparando-os com o sistema em relevo, como explicam os estudantes.

Primeiro, o projeto foi desenvolvido virtualmente, tendo como ferramenta o *CAD/software 3D*. Para a confecção utilizou-se o Scanner Tridimensional a Laser e a Fresadora CNC, com auxílio de um sistema rotatório denominado quarto eixo. Os pesquisadores dizem que a fabricação do jogo em escala industrial está prevista através do processo de injeção. “Empregamos tecnologia de ponta para atingirmos um produto eficiente”, enfatiza o professor Wilson.

Segundo ele, o material existente no mercado para o ensino de *braille* é rudimentar, pois geralmente são usadas caixas de ovos com bolinhas de pingue-pongue na tentativa de representar as bolas e linhas que caracterizam o código. Para Rafael, uma das vantagens do jogo desenvolvido no LdSM é auxiliar o usuário cego de nascença a desenvolver a noção dos seis pontos. De acordo com o estudante, para os deficientes visuais que vieram a perder a visão já existe um registro visual que facilita a leitura proposta pelo jogo. “Este brinquedo é muito bom para localizar e distinguir os elementos.”



Foto: Flávio Dutra



O bolsista Roberto Faller e o jogo vencedor do prêmio Abiplast Design 2006

## Eficiência e emoção ao conceber um *design*

O LdSM é um laboratório que desenvolve materiais e processos que podem ser usados em várias áreas, preferencialmente naquelas que têm um aporte social, como os atuais jogos para pessoas com deficiência visual. Desde sua criação, em 1998, o órgão mantém um banco de texturas, que hoje constitui um precioso acervo de possibilidades. “Atualmente,



Texturas da natureza, como as inspiradas nas cascas do abacaxi e da laranja, ganham diferentes aplicações

selecionar materiais e processos é um fator de inovação do produto, diz tudo o que pensamos dentro de um conceito de *design* e engenharia”, afirma Wilson Kindlein Júnior, coordenador do laboratório, que faz questão de salientar o caráter tecnológico do trabalho desenvolvido pelo setor: “O que fazemos não é artesanato”.

Isso fica evidente para quem visita a página do laboratório, [www.ufrgs.br/ndsm](http://www.ufrgs.br/ndsm), onde há informações diversificadas sobre as seis linhas de pesquisa: *biônica*, *ecodesign*, percepção/materiais, seleção de materiais/*design*, revestimentos protetores/corrosão/*design* e produtos; materiais,

processos e metodologia de projeto.

A partir da classificação básica de polímeros, cerâmicos, metais, naturais e compostos (concreto, fibra de vidro etc.), há um grande número de materiais pesquisados no LdSM. Sobre cada um deles, é possível conhecer propriedades mecânicas, elétricas, físicas e térmicas, fundamentais para estabelecer procedimentos como o acabamento de superfícies, o tipo de uniões possíveis (por brasagem ou soldagem), a usinagem (fabricação) e as conformações mais adequadas.

“Não desenvolvemos produtos, oferecemos aporte técnico”, observa o professor Wilson ao comentar o trabalho de

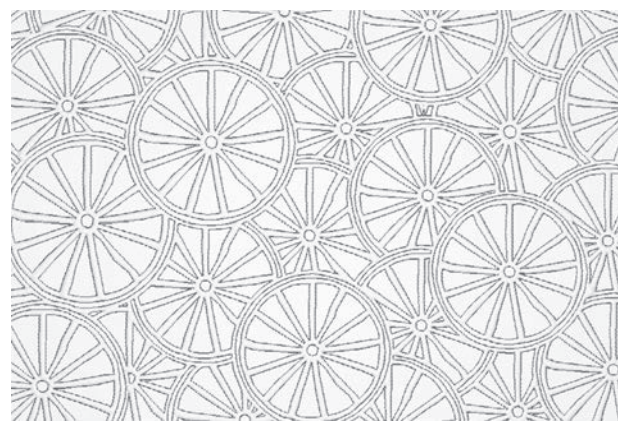
assessoramento prestado pelos especialistas do laboratório. Ele salienta o caráter inovador que pode representar o cuidado com a textura na superfície de um produto. “Imagine um chocolate com uma textura! É um diferencial que deve ser levado em conta.” Diferenças como essas agregam valor ao produto e o tornam único no mercado. Por esta razão, o coordenador costuma dizer que o LdSM é um laboratório de inovação, aspecto presente nos mercados mais competitivos.

Ele destaca a importância do equipamento empregado, sem o qual não haveria como unir *design* e engenharia. São mais de 20 máquinas de porte grande, médio e pequeno, com as quais a equipe desenvolve peças e processos e

experimenta materiais. Um deles é o Scanner Tridimensional, equipamento de alta performance, ideal para *design* de produto e para otimizar os processos e desenvolvimento da Engenharia. Estética e

técnica. Eficiência e emoção. As combinações são muitas para descrever os objetivos perseguidos pela equipe multidisciplinar do LdSM. Atualmente, um dos conceitos pesquisados, sobre o qual já existem artigos elaborados pelo grupo, é a idéia de *design*-emoção. “Ao trabalhar dentro desse conceito, estamos mostrando que a textura é um elemento carregado de emoção.” Este sentimento agregado ao produto vai torná-lo menos descartável, uma vez que o consumidor pensará duas vezes em se desfazer de algo que lhe desperta bons sentimentos. Como consequência, acaba-se por valorizar o produto também sob o ponto de vista ecológico, uma vez que vai demorar mais para ir para o lixo.

“São os aspectos subjetivos do ato de tocar”, diz Wilson. Além das três características básicas – rugosidade, dureza e condutividade térmica do material – as novas pesquisas em materiais têm levado em conta a sensação agradável ou negativa que o toque produz nas pessoas quando manuseiam os objetos. “Quando compramos uma roupa, por exemplo, a primeira coisa que fazemos é tocar o tecido. O material passou a ser quase um veículo de informação”, diz o professor.







# Fernando Pessoa(s)

## Vários poetas num só

**Literatura** *Obra de “alguns” dos maiores poetas da língua portuguesa torna-se domínio público e é lançada por editora gaúcha*

Marcelo Spalding

Ele é herói numa terra de reis, grande numa terra de conquistadores, gênio na terra de Camões. Ele é vários, vários são ele: Fernando António Nogueira Pessoa, mas pode chamar de Álvaro de Campos, Ricardo Reis, Alberto Caeiro, Bernardo Soares... Ou simplesmente, Fernando Pessoa.

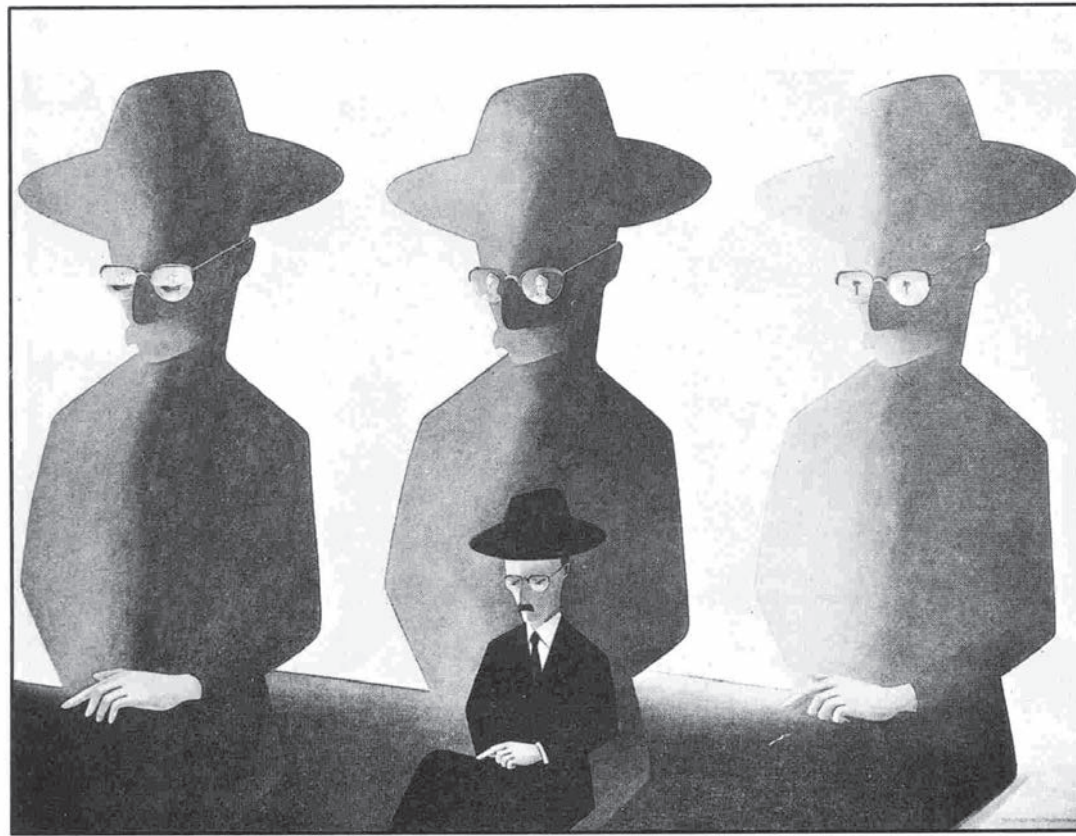
Em vida, foi um poeta importante, fundamental para o Modernismo português, editor da célebre revista *Orpheu* e autor do épico *Mensagem*, mas não poderia imaginar a proporção que sua obra tomaria depois de sua morte. Para se ter uma idéia, o crítico americano, Harold Bloom, considera Fernando Pessoa o mais representativo poeta do século XX em todas as línguas, ao lado apenas de Pablo Neruda. Outros o consideram, juntamente com Luís de Camões, o maior poeta português de todos os tempos. Superlativos que não valem um verso do poeta, mas dão a dimensão do peso canônico que sua obra ganhou, mesmo numa era de rejeição dos cânones.

A professora do Instituto de Letras da UFRGS, Ana Lúcia Tettamanzy, ressalta ainda o apelo popular de Pessoa para demonstrar sua vitalidade: “Muitos, mesmo no Brasil, citam frases como ‘*tudo vale a pena quando a alma não é pequena*’ como se fosse um ditado popular, quando são do Fernando Pessoa”.

É por essa importância que a obra pessoana adquiriu, superando fronteiras e décadas, que se comemora os setenta anos de falecimento do autor. Assim, de acordo com legislação internacional aceita por diversos países, entre eles o Brasil, sua obra cai em domínio público, facilitando a publicação de livros e adaptações cênicas.

Na Internet, o site [www.dominiopublico.gov.br](http://www.dominiopublico.gov.br), do governo federal, já disponibiliza gratuitamente obras do poeta. No Rio Grande do Sul, a editora L&PM publicou duas e promete outras sete obras com textos de Fernando Pessoa, todas com organização, notas e introdução de Jane Tutikian, professora do Instituto de Letras da UFRGS.

Jane, estudiosa e entusiasta da obra pessoana, considera que falar de Pessoa é falar não apenas do maior poeta de língua portuguesa do século XX, mas de vários poetas num só: “Pessoa foi de fato um poeta múltiplo tirou de dentro de si poetas com-



CATALOPO FERNANDO PESSOA, HÓSPEDE E FERREIRO. INSTITUTO PORTUGUESO LIVRO, LISBOA, 1983

### Mar Português

*Ó mar salgado, quanto do teu sal  
São lágrimas de Portugal!  
Por te cruzarmos, quantas mães  
choraram,*

*Quantos filhos em vão rezaram!  
Quantas noivas ficaram por casar!  
Para que fosses nosso, ó mar!*

*Valeu a pena? Tudo vale a pena  
Se a alma não é pequena.  
Quem quer passar além do  
Bojador*

*Tem que passar além da dor.  
Deus ao mar o perigo e o abismo  
den,  
Mas nele é que espelhou o céu.*

(Fernando Pessoa, publicado em *Mensagem*, 1934)

pletamente diferentes dele e totalmente diferentes entre si, tornando-se o único caso de heteronímia da literatura universal”.

Essa noção de fragmentação do sujeito, tão cara aos modernistas, assumiu em Pessoa dimensões inimagináveis e inigualáveis a ponto de recorrermos a termos criados pelo próprio poeta para definir sua obra, como heterônimo e ortônimo. “Mas por que heterônimos, e não pseudônimos?”, pergunta e responde a professora Jane na apresentação das novas edições: “Porque, quando usa um pseudônimo, um poeta se esconde atrás de um nome falso, enquanto o heterônimo, ao contrário, não esconde ninguém, é um personagem criado pelo poeta, que escreve a sua própria obra, tem nome próprio, obra, biografia e, sobretudo, um estilo próprio”.

Ana Lúcia Tettamanzy vê os heterônimos pessoanos como personagens, máscaras, “como se ele fizesse da sua vida um espetáculo, um teatro onde as vozes interagem”, afirma. “O próprio poeta construiu uma neblina sobre si, aumentou essa multiplicidade colocando textos nos jornais, inventando essas personas e gerando todo um questionamento, uma dúvida sobre quem seriam esses poetas, até que as pessoas descobriram que era um só”, completa a professora.

Teatro ou originalidade, é curioso vermos que também na “vida real” Fernando Pessoa viveu em meio a contradições: maior poeta da língua portuguesa, viveu grande parte de sua juventude na África do Sul e por isso escreveu poemas também em inglês, sendo a última frase de sua vida escrita naquele idioma, “*I know not what tomorrow will bring*”. Autor do segundo grande épico português, um gênero nitidamente erudito,

também escreveu mais de trezentas quadras populares; criador de vanguardas e cicerone modernista, teve sua obra postumamente inserida no panteão dos clássicos.

**No divã** – Na célebre carta ao crítico Alberto Casais Monteiro, em que Fernando Pessoa narra como criou os heterônimos, ele escreve: “A origem dos meus heterônimos é o fundo traço de histeria que existe em mim. Não sei se sou simplesmente histérico, se sou, mais propriamente, um histeroneurastênico. Tendo para esta segunda hipótese, porque há em mim fenômenos de abulia que a histeria, propriamente dita, não enquadra no registro dos seus sintomas. Seja como for, a origem mental dos meus heterônimos está na minha tendência orgânica e constante para a despersonalização e para a simulação”.

Apesar desse irônico auto-diagnóstico, antecipando-se a qualquer análise psicanalítica futura, em Porto Alegre, o poeta tem relação estreita com o divã. Pelo menos no Instituto Fernando Pessoa, um centro de psicoterapia, ensino e cultura fundado há quinze anos e dessa forma batizado pela paixão de um dos diretores, dr. José Édil de Lima Alves.

Jaime Vaz Brasil, poeta, psiquiatra e outro dos diretores do Instituto, afirma já ter lido textos que consideram Pessoa com “múltiplas personalidades”, mas discorda do diagnóstico: “O fato de possuir heterônimos, no meu entender, não qualifica o aparelho psíquico de ninguém. Pelo menos, não isoladamente. Creio que os heterônimos são janelas para estilos diferentes. Com a criação deles, ele conseguiu escrever de vários modos e manter-se único, outra faceta da genialidade”. Sobre a poesia do gênio, Jaime acredita ser impossível não gostar de Fernando Pessoa. “É possível desconhecê-lo, mas não é possível desgostar”, sentencia.

Teatro ou originalidade, histeria ou genialidade, vale a pena aproveitar as diversas oportunidades que teremos de ler, reler, ouvir ou ver a partir deste ano, os grandes poetas Fernando Pessoa, Álvaro de Campos, Ricardo Reis, Alberto Caeiro, Bernardo Soares... Os vários poetas de um só.

### Domínio público

*Art. 41. Os direitos patrimoniais do autor perduram por setenta anos contados de 1.º de janeiro do ano subsequente ao de seu falecimento, obedecida a ordem sucessória da lei civil.*

(Lei nº. 9.610, de 19 de fevereiro de 1998)

\*Jornalista, ex-aluno da Fabico

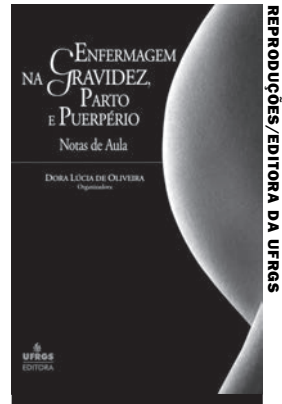
### Resenhas

Por Caroline da Silva

### Atenção à mulher

As notas de aula deste livro são dedicadas aos estudantes e profissionais de Enfermagem e escritas com muita objetividade, o que torna o conteúdo bastante didático e informativo para gestantes ou mulheres que gostariam de obter mais informações sobre a gravidez. Encarada como questão de gênero, a saúde da mulher é o

primeiro tema desenvolvido na publicação. A obra não contempla apenas o período da gravidez, dando destaque ao parto. Embora o principal objetivo seja a capacitação dos profissionais no acompanhamento da evolução fisiológica do processo gravídico-puerperal, o livro compreende desde a anatomia do aparelho reprodutor feminino até a amamentação, passando pelos cuidados com o recém-nascido e os aspectos emocionais envolvidos numa gestação. A organizadora, Dora Lúcia de Oliveira, doutora em Educação em Saúde pela Universidade de Londres e professora do Departamento de Enfermagem Materno-infantil da Escola de Enfermagem da UFRGS, propõe em seu artigo uma abordagem ampliada de saúde da mulher, que promova a igualdade de gênero como campo legítimo de melhoria da saúde feminina. Ela também defende que os profissionais da área devam atuar como ativistas em saúde.



**ENFERMAGEM NA GRAVIDEZ, PARTO E PUERPÉRIO**  
Ed. UFRGS, 2005, 423 p., R\$ 48\*, organizado por Dora Lúcia de Oliveira

REPRODUÇÕES/EDITORA DA UFRGS

### Residentes em solidariedade

A vivência de universitários com o desenvolvimento de uma tecnologia social é o tema desta obra, co-organizada pela professora Rosinha Machado Carrion, da Escola de Administração da UFRGS com os então residentes solidários Igor Vinícius Lima Valentim e Beatriz Centenaro Hellwig. Pode ser entendi-

da como tecnologia social uma iniciativa que tem o intuito de contribuir com o desenvolvimento sustentável. As definições apresentadas na publicação abrangem as técnicas, procedimentos e metodologias transformadoras, em forma de organização coletiva e em interação com a população, preocupadas com a inclusão social e a melhoria da qualidade de vida. A residência solidária é uma dessas tecnologias, projeto realizado pela Escola de Administração da UFRGS, em conjunto com representantes do poder público municipal, organizações não-governamentais e lideranças comunitárias. O livro é o relato desta experiência, que preparou teoricamente os residentes para atuarem junto a unidades recicladoras de lixo em Porto Alegre. Na apresentação, o leitor é advertido sobre a conclusão de que a mudança social é fruto não só de microtransformações sociais como de muita perseverança.

\*Preços já com o desconto de 20% oferecido nas Livrarias da UFRGS



Fernando Pessoa tirou de dentro de si vários poetas





## Entrevista

Para Jean-Claude Bernardet é papel do professor tentar abrir a cabeça das pessoas

Fatimarlei Lunardelli

Professor, pesquisador e escritor, Jean-Claude Bernardet esteve em Porto Alegre para conversar sobre um cinema diferente daquele que bate nas telas do circuito exibidor comercial. É o que ele chama de “cinema ensaio”, nome pelo qual define filmes que não se encaixam nas categorias tradicionais de “documentário” ou “ficção”. Aos 70 anos, o professor de cinema da USP e autor de diversos livros, se diz sem paciência para as fórmulas repetidas do cinema narrativo clássico.

Foi a vontade de compartilhar filmes como *1/3 dos Olhos*, de Olivier Zabat, visto durante um festival de documentários em Marselha, no qual Jean-Claude fazia parte do júri que motivou a realização do curso “O cinema ensaio – Encontros com Jean-Claude Bernardet”, promovido pelo Cine Santander Cultural no mês de junho. Para o professor, o maior prazer é compartilhar filmes que circulem pouco, permanecendo à margem das grandes redes exibidoras e que precisam ser descobertos por cinéfilos, que buscam no cinema mais do que histórias e formas convencionais de expressão. Na entrevista a seguir, ele falou sobre cinema ao Jornal da Universidade.

**Jornal da Universidade** – O que é “cinema ensaio”?

**Jean-Claude Bernardet** – A palavra ensaio talvez não seja das melhores, o que estou procurando são experiências-limite com a linguagem cinematográfica. Talvez fosse melhor falar de cinema poesia, ou seja, do cinema que trabalha com a materialidade da linguagem e não daquele que coloca a linguagem a serviço de outra coisa, que pode ser uma história, uma narrativa, ou a exposição de idéias, a análise de um determinado assunto etc. São filmes sobre os quais não é possível qualquer análise sem falar da sua linguagem.

**JU** – O curso foi concebido a partir da apresentação de três filmes trazidos especialmente para o evento e exibidos como parte de seu conteúdo: *Os catadores e eu*, de Agnès Varda; *1/3 dos olhos*, de Olivier Zabat e *Five*, de Abbas Kiarostami. Isto é uma militância por esse cinema em tuas próprias palavras, “sofocado” pelo cinema hegemônico?

**JCB** – Talvez seja. É a primeira vez que dou esse curso. O que realmente desejaria é que ele apontasse para as pessoas jovens, ou para as pessoas que estão fazendo

## “Não quero criar modelos, mas apontar perspectivas”



DIVULGAÇÃO SANTANDER CULTURAL

de cinema, outras perspectivas além daquelas atualmente apresentadas nas telas. Isso não quer dizer que se trate de modelos, porque não são modelos. Não existe o modelo de ensaio, mas simplesmente pensar que podemos sair das trilhas mais usuais e tentar pensar de outra forma, construir filmes de outras maneiras. Então, não deixa de ser uma certa militância. Afinal de contas, sou professor, e professor forma, tenta abrir a cabeça das pessoas.

**JU** – As novas tecnologias fazem diferença para diluir a tensão que sempre existiu entre cinema narrativo comercial e cinema experimental?

**JCB** – Eu acho que fazem e não fazem. Tudo depende de para que elas são utilizadas. Essas tecnologias podem, por exemplo, ser usadas dentro de um projeto ensaístico, um projeto poético. Veja o caso do diretor Abbas Kiarostami, que foi para a África com uma pequena câmera para fazer locações, ver onde ia filmar. Quando voltou com o material, se deu conta de que nunca conseguiria repetir aquilo com equipamento mais pesado e uma equipe etc. Então, resolveu montar o *ABC África* com o material. A tecnologia em si não encaminha os projetos, mas isso não é nenhuma novidade, pois já havia acontecido nos anos 50 e 60 com o aparecimento do cinema verdade e Jean Rouch. Não penso que a tecnologia em si resolva. Por outro lado, ela pode até criar problemas monumentais. A facilidade de filmar com essas câmeras permite a gravação de muito material com um nível baixo de seleção no ato

de filmar, criando problemas enormes. Então se diz, “vamos resolver tudo na montagem”. Isso não é uma coisa boa.

**JU** – Existe hoje uma grande descrença na veracidade das imagens. Como isso se reflete nas formas estéticas do cinema?

**JCB** – Essa descrença existe devido às tecnologias, que fazem alterações na imagem sem que se possa perceber. Chega um momento em que não se sabe mais o que se está vendo, se é uma imagem que seria real, a fotografia de uma realidade. Por outro lado, tem uma outra vertente em que a própria vida é cada vez mais vista como ficção. Existem documentários que são, afinal, filmes de ficção, por exemplo, *33* de

### A tecnologia em si não encaminha projetos e pode até criar problemas

Kiko Goifmann ou *Um passaporte húngaro*, de Sandra Kogut. Os cineastas filmam a si próprios em situações reais, mas há uma representação de suas vidas. Sandra Kogut é de fato descendente de húngaros, busca de fato seu passaporte húngaro e o consegue. Tudo isso é verdadeiro, mas também há uma sensação de que tudo é representação e está sendo vivido num palco de teatro. Temos muitos filmes na primeira pessoa sobre a vida de famílias apresentadas como uma representação. É um movimento duplo, não sabemos o que é real e o que não é. Isso se dá também na Internet, lugar ideal para a ficcionalização da vida privada. O *reality show* pertence ao mesmo universo de indefinição entre representação e vida real. São pessoas reais, que estão aí para serem reais, mas que se representam. É um pouco a história do poeta que finge a dor que ele sente realmente.

**JU** – Como vê o cinema brasileiro na atualidade?

**JCB** – A categoria genérica “cinema brasileiro” não cabe. Existem vários cinemas brasileiros, o que

acho benéfico. Vejo com muito interesse filmes como *Amarelo manga* e *Árido movie*, que têm altos e baixos, mas são propostas muito estimulantes. Acho que os pernambucanos estão modificando a noção de personagem, ou pelo menos a relação entre o personagem e o ator ou atriz. A convenção realista é de que o ator interpreta o personagem, entra na pele dele. Eles estão fazendo propostas de interpretação em que o personagem tem que entrar no ator. Em determinados momentos, o diafragma da câmera se abre para o ator fazer o seu solo. É o caso de Matheus Nachtergaele em *Amarelo manga*. Essa forma de interpretação que luta contra o naturalismo que oprime o cinema brasileiro e toda essa estética da televisão, da verossimilhança, da representação da cotidianidade. Tem solos belíssimos do Selton Melo em *Árido movie*, é notável.

**JU** – É um cinema de ruptura, certo?

**JCB** – Isso é muito interessante, porque eles estão se distanciando da narrativa pesada e explicativa do cinema brasileiro. Pra dizer a verdade, não estão nem aí. Com isso, as narrativas se tornam mais leves, e se não der para entender todas as conexões não tem problema, porque é assim mesmo. É um trabalho do qual, certamente, outros diretores poderão se beneficiar.

**JU** – Ao se falar em modernidade para efemérides. Tem evidentemente as “viúvas do Glauber”, o que é péssimo. Ele viveu numa época de ditadura e nós estamos em uma outra época, e uma das dificuldades que os cineastas têm é pensar fora daquele momento histórico. Acho que estamos tão marcados pelos pensamentos dos cineastas daquele período que talvez não se consiga pensar a complexidade de hoje. A ditadura teve um ponto extremamente positivo: ela simplificava tudo, havia um inimigo comum. Então, todas as divergências, a multiplicidade de pensamentos e ações, tudo isso se agrupava contra o inimigo comum. Isso não existe mais.

**JU** – E a estética de Glauber, permanece?

**JCB** – Vejo o Glauber no Eric e na Ava, filhos dele, jovens cineastas que herdaram o gosto poético, o gosto pela materialidade do cinema. Eric fez *Rocha que voa*, e a Ava montou esse filme sobre o pai. É muito difícil falar sobre o pai, mas o filme é feito com uma certa desenvoltura, com amor pela materialidade das imagens. Percebe-se que é um cineasta que ama o ritmo, que ama a textura das imagens, o fluxo do som com a imagem, então, para mim, o melhor do Glauber está aí e não naquelas idéias nacionalistas.

### Quem é ele?

Jean-Claude Bernardet é professor de cinema na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo e tem dedicado sua vida profissional ao cinema como objeto de reflexão e criação. Entre várias obras, é autor do clássico sobre o documentário brasileiro *Cineastas e imagens do povo*, livro de 1985, ampliado e reeditado em 2003 pela Companhia das Letras. Nascido na Bélgica, com formação europeia e brasileira, conciliou a diversidade cultural no livro *O autor no cinema* (Brasiliense, 1994), até hoje bibliografia rara sobre o “cinema de autor” surgido na França nos anos 50. Em 1995, lançou-se como diretor em *São Paulo, sinfonia e cacofonia*. No campo da literatura, publicou em parceria com Teixeira Coelho *A doença, uma experiência* (Companhia das Letras, 1996), elaborando ficcionalmente a própria soropositividade. Entre múltiplos trabalhos, prosseguiu a atividade cinematográfica como co roteirista dos primeiros longas-metragens da diretora Tata Amaral, *Um céu de estrelas* (1997) e *Através da janela* (1999). É novamente para a cineasta paulista que atualmente trabalha em novo roteiro, a ser filmado em 2008.



DIVULGAÇÃO





## Destaque

## Planetário destaca vôo centenário do 14 Bis

*UFRGS e Aeroclub do Rio Grande do Sul homenageiam Santos Dumont com programa e exposição*

No dia 23 de outubro de 1906, o avião brasileiro Alberto Santos Dumont realizou em Paris o primeiro vôo bem-sucedido de um objeto mais pesado do que o ar. O pequeno avião 14 Bis, com capacidade para um tripulante, decolou por meios próprios. Por sete segundos, percorreu 60 metros diante de mais de mil espectadores maravilhados. O feito histórico rendeu a Dumont o título de pai da aviação.

Relembrando essa incrível experiência, no dia 24 de julho, às 19h, o Planetário da UFRGS realizará uma sessão para autoridades e convidados, apresentando seu primeiro programa multimídia: "Voar: do sonho à realidade", que mostra um pouco da trajetória do homem em seu sonho de ter asas e voar. Mitologia e ciência vão explicar de onde vem esse desejo e como algumas personalidades se empenharam

em realizá-lo, como Leonardo Da Vinci, o padre Bartolomeu Gusmão, até chegar a Dumont. Como encerramento, para relembrar outro centenário e ironizar quem tentou desacreditar a importância do feito de Dumont, a célebre frase de Mario Quintana: "Todos esses que aí estão atravancando meu caminho, eles passarão... eu passarinho".

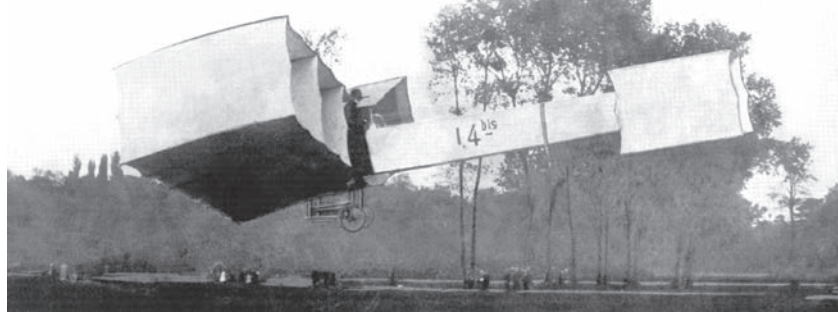
Além da estréia do programa, será inaugurada, no saguão do Planetário, uma exposição com fotos de aviação e uma réplica em escala do 14 Bis, produzida pelo departamento de iniciação em aeronáutica do Aeroclub do Rio Grande do Sul, que trabalha com jovens a partir dos 12 anos.

Segundo o diretor do departamento de história e cultura do Aeroclub, Edgar Pühler, o objetivo da mostra é



FOTOS: EU NAVIGUEI PELO AR, EDITORA NOVA FRONTEIRA

incentivar o gosto pela aviação, destacando a engenhosidade de um dos seus pioneiros. No dia 26 de julho, quarta-feira, haverá uma sessão de férias às 16h, tendo como ingresso um quilo de alimento não-perecível por pessoa. Mais informações pelo telefone 3316-5384.



## ▶ TEATRO

### Mostra de Teatro do DAD

O Departamento de Arte Dramática do Instituto de Artes promove apresentação de trabalhos práticos e teóricos de formandos em bacharelado e licenciatura no primeiro semestre deste ano. A entrada é franca para todas as peças, mediante a retirada de senhas.

**VENHA! E OS DIAS SERÃO HORAS!** Baseado no livro "E viva o povo brasileiro", de João Ubaldo Ribeiro, o espetáculo faz uma reflexão sobre o regional e o universal em cada um de nós. Elenco: Leticia Kleeman, Luciana Benetti, Bárbara Richter, Anita Coronel, Anna Fuão e Italo Cassará. Direção: Pedro Lucas.

Data: 3 a 7 de julho, segunda a sexta Local e horários: Sala Qorpo Santo, de 3 a 6 de julho, às 19h30min; no dia 7 de julho, às 12h30min e às 19h30min

**TODAS AS DESCULPAS FORAM SINCERAS** Através do reencontro de Carlos e Regina, a peça reflete sobre os momentos de uma relação – do casamento à separação. Lembranças vêm à tona, despertando desejos, temores e reflexões. O texto do espetáculo é uma adaptação do original escrito por Scott C. Sickles. Elenco: Di Machado, Gabriela Hennig, Ariane Guerra, Fernanda Majorczyk e Pablo Barbosa Damian. Direção: Raquel Purper. Data: 11 a 13 de julho, terça a quinta-feira Local e horários: Sala Alziro Azevedo, às 12h30min e às 19h30min.



DIVULGAÇÃO

## ▶ OFICINAS E PALESTRAS

### Sementes crioulas: memória da história humana

Oficina que abordará a importância das sementes crioulas na reserva do patrimônio genético da região e também como meio de resgate da diversidade étnica e cultural. Ministrantes: Ingrid de Barros, professora da Faculdade de Agronomia; Andréa Delwing, mestrande em Fitotecnia; Gema Conte Picinini, doutoranda em Fitotecnia; e um produtor de sementes crioulas de Porto Alegre. A atividade prevê a realização de rodas de contar histórias e troca de sementes.

Data: 11 de julho, terça-feira Local e horário: mezanino do Museu da UFRGS, das 14h às 16h Entrada franca

### Olhares cruzados

Conjunto de debates com a participação de professores da UFRGS e convidados, tendo como objetivo refletir sobre as relações entre o homem de nosso tempo e a natureza. Contará com a participação de Valdely Ferreira Kinupp, doutorando da Faculdade de Agronomia, com a palestra "O homem, em sua dimensão física, e sua relação com a natureza". Data: 27 de julho, quinta-feira Local e horário: mezanino do Museu da UFRGS, às 19h Entrada franca

## ▶ EXPOSIÇÃO

### Homem-Natureza: cultura, biodiversidade e sustentabilidade

Mostra organizada a partir de uma parceria entre o Museu da UFRGS e a Copesul, integrando o Projeto Copesul Cultural. A exposição, que traz painéis, projeções e parte do acervo do herbário do Instituto de Biociências, permite ao visitante a descoberta do ambiente através da percepção da arte e da ciência. A visita pode ser feita até o final do mês de dezembro, de segunda a sexta-feira, das 9h às 18h. Agendamento de visitas guiadas de escolas ou grupos através dos telefones 3316-3034 ou 3316-4022. Entrada franca.

## ▶ CINEMA/DVD/VÍDEO

### A História vai ao cinema com Aplicação

Projeto do colégio de Aplicação da UFRGS realizado em parceria com a Sala Redenção, visando a preparar para o vestibular na área de história. Os filmes serão seguidos de debates com professores convidados. Mais informações podem ser obtidas com o professor Nilo de Castro, pelo telefone 3316-6984.

**CAINDO NO RIDÍCULO** (França, 1996, 102 min), de Patrice Leconte. Em 1780, na corte de Luís XVI, jovem engenheiro do interior encanta a corte com piadas e tiradas brilhantes para conseguir uma audiência com o rei. Seu objetivo é realizar uma obra que irá melhorar a vida dos camponeses. Com Fanny Ardant e Charles Berling. Data: 8 de julho, sábado Local e horário: Sala Redenção, às 14h Ingresso: R\$ 1,50

**NETTO PERDE SUA ALMA** (Brasil, 2001, 102min), de Beto Souza e Tabajara Ruas. Antônio de Souza Netto é um general brasileiro ferido na Guerra do Paraguai, que se recupera no hospital militar de Corrientes, na Argentina. Ele rememora suas participações na guerra, enquanto percebe que coisas estranhas ocorrem ao seu redor. Com Werner Schünemann. Data: 12 de julho, quarta-feira Local e horário: Sala Redenção, às 19h Ingresso: R\$ 1,50

### Amor além da vida



DIVULGAÇÃO

(EUA, 1998, 114 min), de Vincent Ward. Homem morto em acidente chega ao paraíso. Porém, ao saber que sua esposa se suicidou e está presa no inferno, resolve enfrentar uma perigosa jornada para resgatá-la. Com Robin Williams e Cuba Gooding Jr. Vencedor do Oscar de efeitos especiais. Exibição promovida pelo projeto Niete/Cinema em parceria com a Sala Redenção, com o propósito de debater questões sobre espiritualidade, saúde e educação. Informações através do e-mail nelton.dresch@ufrgs.br ou pelo telefone 3316-3358. Data: 10 de julho, segunda-feira Local e horário: Sala Redenção, às 18h30min Ingresso: R\$ 5 (estudantes da UFRGS podem participar mediante a doação de um quilo de alimento não-perecível)

### História no cinema para vestibulandos

Parceria entre a Sala Redenção e o Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, que exibirá filmes referentes a importantes fatos históricos seguidos de debates com professores, graduandos e pós-graduandos de História. As sessões funcionam como preparação para o vestibular da UFRGS e serão realizadas de julho a dezembro. O custo é de R\$ 40 pelo pacote de 20 exibições, com 50% de desconto para estudantes da rede pública ou de cursinhos populares.

**O NOME DA ROSA** (Alemanha, 1986, 130min), de Jean-Jacques Annaud. Em 1327, um monge franciscano e um noviço tentam desvendar o mistério que há por trás dos assassinatos em um mosteiro do norte da Itália. A história também tem como pano de fundo a disputa de poder entre os setores mais liberais da igreja e os chefes da Santa Inquisição. Com Sean Connery e Christian Slater. Palestrante: Rivair Macedo. Data: 22 de julho, sábado Local e horário: Sala Redenção, às 13h30min e às 17h Ingresso: R\$ 4

1492 – CONQUISTA DO PARAÍSO (EUA, 1992, 155min), de Ridley Scott. Vinte anos da vida de Cristóvão Colombo, desde a luta para conseguir recursos para sua expedição marítima, passando pela descoberta acidental do novo continente até a decadência, na velhice. O filme retrata toda a incerteza que cercava uma expedição marítima naquela época e a frustração de Colombo, que obteve pouco reconhecimento de seus feitos. Com Gérard Depardieu e Sigourney Weaver. Palestrante: Rafael Menezes. Data: 29 de julho, sábado Local e horário: Sala Redenção, às 13h30min e às 17h Ingresso: R\$ 4

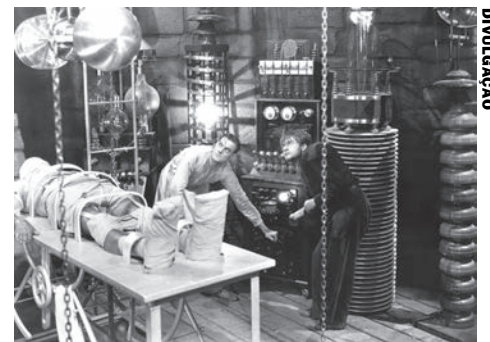
### Semana Nele: diversidade cultural

Ciclo promovido pelo Núcleo de Ensino de Línguas Estrangeiras (Nele) do Instituto de Letras e Sala Redenção, que reúne produções de cinco diferentes países, com o objetivo de mostrar os vários idiomas e os aspectos culturais de cada país.

**REINAS** (Espanha, 2005, 114min), de Manuel Gómez Pereira. Cinco mães enfrentam o drama que cerca seus filhos gays durante um casamento em massa. Com Carmen Maura e Marisa Paredes. Data: 17 de julho, segunda-feira Local e horário: Sala Redenção às 18h30min Entrada franca

**LUGAR NENHUM NA ÁFRICA** (Alemanha, 2001, 140min), de Caroline Link. Pouco antes do início da Segunda Guerra Mundial, casal de judeus alemães e filha refugia-se numa fazenda do Quênia. Enquanto os pais sofrem dificuldades de adaptação, a menina encontra no cozinheiro da fazenda um grande amigo. Vencedor do Oscar de Melhor Filme Estrangeiro. Data: 18 de julho, terça-feira Local e horário: Sala Redenção às 18h30min Entrada franca

**UMA AMIZADE SEM FRONTEIRAS** (França, 2003, 95min), de François Dupeyron. Durante os anos 60, a amizade entre o dono de uma mercearia muçulmano e um solitário garoto judeu serve de ponto de partida para o amadurecimento do rapaz. Com Omar Sharif e Pierre Boulanger. Data: 19 de julho, quarta-feira Local e horário: Sala Redenção às 18h30min Entrada franca



DIVULGAÇÃO

**THE CREATOR VERSUS THE CREATURE** Trabalho sobre a adaptação de obras da literatura de língua inglesa para o cinema. Serão apresentados trechos dos filmes *Frankenstein* (acima), *Dr. Jekyll and Mr. Hyde*, *Dracula* e *My Fair Lady*. A duração total é de 90min. Data: 20 de julho, quinta-feira Local e horário: Sala Redenção às 18h30min Entrada franca

**GREAT TEACHER ONIZUKA: THE MOVIE** (Japão, 1999, 100min), de Masayuki Suzuki. Professor de escola secundária (abaixo) utiliza métodos de ensino pouco ortodoxos que o tornam um herói para seus alunos, mas ameaçam o sistema. O filme é baseado num mangá que alcançou grande sucesso e também rendeu uma série em animação e um especial para a televisão japonesa. Data: 21 de julho, sexta-feira Local e horário: Sala Redenção, às 18h30min Entrada franca



DIVULGAÇÃO

### ▶ Onde?

- Museu da UFRGS Av. Osvaldo Aranha, 277
- Salão de Atos Av. Paulo Gama, s/n°.
- Planetário Av. Ipiranga, 2.000
- Instituto de Artes da UFRGS Rua Senhor dos Passos, 248
- Sala Alziro Azevedo Av. Salgado Filho, 340
- Sala Redenção Av. Paulo Gama, s/n°.
- Sala Qorpo Santo Av. Paulo Gama, s/n°.



# Sebastião Pinheiro

## Um guerreiro contra o veneno na lavoura

**Ademar Vargas de Freitas**

A história do engenheiro-agrônomo e florestal Sebastião Pinheiro é cheia de contrastes, impulsos, lutas, superações. Estudou na Argentina, especializou-se na Alemanha e dedica a vida a lutar em favor das gerações futuras, contra a destruição do meio ambiente e contra o massacre de agricultores. Como diretor da União Internacional de Trabalhadores da Alimentação (Uita) para a América Latina, ele viaja com frequência pelo continente, dando palestras e distribuindo livros e cartilhas a indígenas e pequenos agricultores.

Ele escreveu vários livros e cartilhas, alguns publicados em Cuba, no Uruguai, na Colômbia e no México, entre eles, "A máfia dos agrotóxicos no Brasil", "Agropecuária sem veneno", "Tucuruí, o agente laranja e uma república de bananas", "Transgênicos, o fim do gênese" e "A máfia dos alimentos".

Sebastião nasceu em Jandira (SP), a 1º de abril de 1947. Tanto o pai quanto a mãe vinham de famílias excluídas do campo. Quando o pai morreu, e a mãe retornou para São Gonçalo (RJ) com os filhos, ele tinha 3 anos de idade e o irmão apenas 40 dias. Por necessidade, Sebastião foi morar com uma tia, casada e com dois filhos, em São Paulo, onde experimentou o conforto da classe média e pôde estudar numa escola particular.

Mas, a ausência da mãe o levou de volta à miséria da Baixada Fluminense. Fez o segundo ano primário numa escola improvisada sob uma cobertura de sapé, onde uma professora descalça tentava ensinar de maneira precária coisas que ele, também descalço, já sabia de cor.

No ano seguinte, voltou para a casa da tia e foi estudar numa escola pública de qualidade. Aos 11 anos, retornou a São Gonçalo e concorreu com 1.200 adultos por uma das 16 vagas oferecidas num exame de admissão. Tirou o primeiro lugar e passou a ser o melhor aluno da escola. Aos 15 anos, foi trabalhar como contínuo no consulado da Bulgária, inaugurado no centro do Rio de Janeiro.

Em 1964, quando o consulado

transferiu o departamento comercial para São Paulo, Sebastião foi junto e voltou a morar com a tia. Era o início da ditadura militar e ele assistiu à invasão do consulado pelo DOPS. Perdeu o emprego, mas não perdeu o entusiasmo: inscreveu-se para cursar a Escola Agrícola de Jaboticabal (SP).

Estudava com afinco e, nas horas vagas, jogava futebol, por divertimento e para ganhar um troco e economizar. Logo passou para algo mais produtivo: arar as terras de um agricultor japonês, durante as madrugadas, com um trator emprestado pela escola. Dormia quando era possível e estudava o quanto podia, até se formar.

Ficou sabendo que, na Argentina, a Universidade de La Plata oferecia um excelente curso de Engenharia Agrônoma e quis ir para lá. Junto as economias e aceitou o conselho de uma pessoa mais velha: levar pedras preciosas em vez de dinheiro.

Em La Plata, prosseguiu na vida disciplinada de sempre, dormindo pouco, estudando muito e trabalhando como vendedor de jornais nas horas vagas, o que ajudou a aperfeiçoar seu espanhol. Quando faltava dinheiro, vendia uma pedra. Formou-se engenheiro-agrônomo e ainda complementou os estudos para receber outro diploma, o de engenheiro florestal.

Numa ida a Buenos Aires, conheceu uma turista gaúcha e se encantou com ela, o que o levou a transferir-se para Porto Alegre depois de formado. Em 1975, fez concurso para o Ministério da Agricultura e casou com Lídia Mercedes. A única filha do casal, Fabioli, é formada em Oceanologia pela FURG e atualmente faz doutorado em Poluição Oceânica no Canadá.

No final dos anos 70, Sebastião começou a atuar de forma sistemática contra o veneno que as multinacionais derramavam nas lavouras da América Latina, com a chamada Revolução Verde. Participava da Agapan, da Coolmêa e da Sociedade de Agronomia. Trabalhava no laboratório de análises de venenos do Ministério da Agricultura, e abastecia com informações seu amigo e companheiro de lutas José Lutzenberger.



Sebastião dedica sua vida a lutar em defesa do meio ambiente

FLAVIO DUTRA

*Não se sabe que impactos o veneno acumulado vai trazer no futuro*

### Indignação provoca represálias

Em 1981, Sebastião foi mandado para um estágio de um ano sobre Resíduos de Agrotóxicos em Alimentos, em laboratórios-gigantes na Alemanha. Voltou ao Brasil pronto a decidir a guerra. Naquele momento, o Rio Grande do Sul era o lugar onde mais se questionava o uso dos agrotóxicos no mundo. A luta estava linda, mas quando Fernando Collor de Melo tomou posse na Presidência da República, em 1990, Sebastião foi um dos

primeiros agrônomos colocados em disponibilidade. Mas, não ficou inativo. Aceitou ser assessor pessoal de Lutzenberger, que assumira o Ministério do Meio Ambiente. Juntos, tomaram iniciativas interessantes, como fechar a fábrica da Rhodia que contaminava a Baixada Santista com lixo químico, ou interditar um lixão altamente poluidor na Baixada Fluminense. Foi assim, até que Collor demitiu Lutzenberger. Por essa época, os

funcionários em disponibilidade foram convidados a retornar, e Sebastião acabou no recém-criado Ibama, onde viu coisas absurdas. Por se indignar, foi "colocado na geladeira": passou três anos isolado numa sala sem qualquer tipo de trabalho. Aproveitou para relatar num livro sua experiência em agricultura. "A máfia dos agrotóxicos no Brasil" é, hoje, referência bibliográfica e tema de seminários nas escolas de agronomia do país.

### Agricultores cometem suicídio

Em setembro de 1995, uma jovem advogada, Leticia Rodrigues da Silva, procurou Sebastião para relatar um caso estranho: vários amigos, vizinhos e colegas de escola, todos agricultores em Venâncio Aires, tinham cometido suicídio. Sebastião sabia, desde os tempos de estudante na Argentina, que a contaminação por inseticidas fosforados provoca depressão, principal indutor do suicídio. Junto com o bioquímico Lenine de Carvalho e com o professor da Faculdade de Medicina da UFRGS, João Werner Falk, formaram um grupo para

discutir o caso, cujo tema levantou debates na Espanha e nos EUA. Instado pelo professor Falk, Sebastião pediu sua transferência para a UFRGS. Em 1996, já estava trabalhando na Pró-reitoria de Extensão, junto com os professores Edni Schroeder e Luiz Fernando Coelho de Souza, levando alunos da UFRGS a visitar assentamentos, acampamentos e quilombos. Fez esse trabalho durante dez anos. Em 2005, foi convidado a fazer parte do Núcleo de Economia Alternativa da UFRGS, coordenado pelo professor Carlos Schmidt. No Núcleo, instalado

na Faculdade de Ciências Econômicas, auxilia populações tradicionais, movimentos sociais e organizações excluídas ou de pequeno porte para que ocupem espaço e se organizem para desenvolver alternativas solidárias e cooperativas dentro da Universidade. Cerca de dez mil pessoas estão envolvidas, direta ou indiretamente no projeto, que deve tomar proporções geométricas. "Queremos que desenvolvam melhores relações de trabalho e de competitividade dentro de um enfoque social, em que o importante seja a pessoa e não o mercado."

“

**A MÁFIA DOS ALIMENTOS**  
"O grande impacto no mundo atual é a nova ordem econômica implantada depois da Rodada Uruguai, quando se criou a Organização Mundial de Comércio (OMC) e as transnacionais passaram a determinar a forma como o progresso deve se dar. Não é o governo brasileiro que determina como vai funcionar e educação, a saúde ou o futuro do país. Quem decide são as transnacionais."

**SAÚDE OU LUCRO**  
"O organismo transgênico resiste ao veneno, mas o ambiente não."

Nem as pessoas: 800 mil brasileiros são intoxicados todos os anos, sendo que seis mil deles acabam morrendo. Quando um agricultor intoxicado baixa o hospital pelo SUS, quem paga somos todos nós (entre 200 e 300 dólares por dia), mas quem lucra com a venda do remédio são as mesmas 20 gigantescas empresas que produzem o veneno. Entre elas, a Bayer, a Hoechst, a Pfizer, a Dow Química, a Dupont, a Norquisa, a Monsanto. Elas compartilham um negócio que rende 30 bilhões de dólares por ano, só com o veneno. No tratamento dos intoxicados, lucram mais 60 bilhões."

**O VALOR DA VIDA**  
"Estamos tirando a autonomia do agricultor sobre sua semente e obrigando-o a pagar por uma semente de que ele não necessita. Dizem que com isso a economia vai crescer. Mas o valor do sorriso, da alegria, da felicidade, da saúde e da vida não se inclui no crescimento da economia."

**MUDA O PRODUTO**  
"Os mesmos pessoas que - dentro das estruturas técnicas - eram favoráveis ao uso de venenos, agora defendem a introdução de transgênicos. Então, não está

mudando a visão de futuro, de progresso, de ciência ou de tecnologia. O que está mudando é apenas o produto."

**OS PIRATAS SÃO OS MESMOS**  
"Nos anos 70, me opus à ditadura militar, mas vejo que a ditadura das transnacionais é muito mais poderosa. E já não temos as alternativas de então, quando a gente até se divertia, porque os militares tinham atitudes extremamente grotescas, muitos nem sabiam o que estavam fazendo. Hoje, não. A questão ambiental manejada pelas transnacionais é muito perigosa. No

Fórum Social Mundial apresentaram até uma proposta para transformar a Amazônia num campo de soja transgênica. Eles continuam sendo os mesmos piratas do século XVI."

**ACORDANDO TARDE**  
"Nas melhores escolas brasileiras já se começa a discutir o perigo dos venenos. Acordamos tarde, isso era para ser discutido em 1940, em 1930, e não hoje, que o consumidor já acha que o veneno é necessário e que as sementes transgênicas representam o progresso."

”





**Zeze Kronbauer**

**Antonio Carlos Grandini**



# Quintanares

**Flávio Dutra**

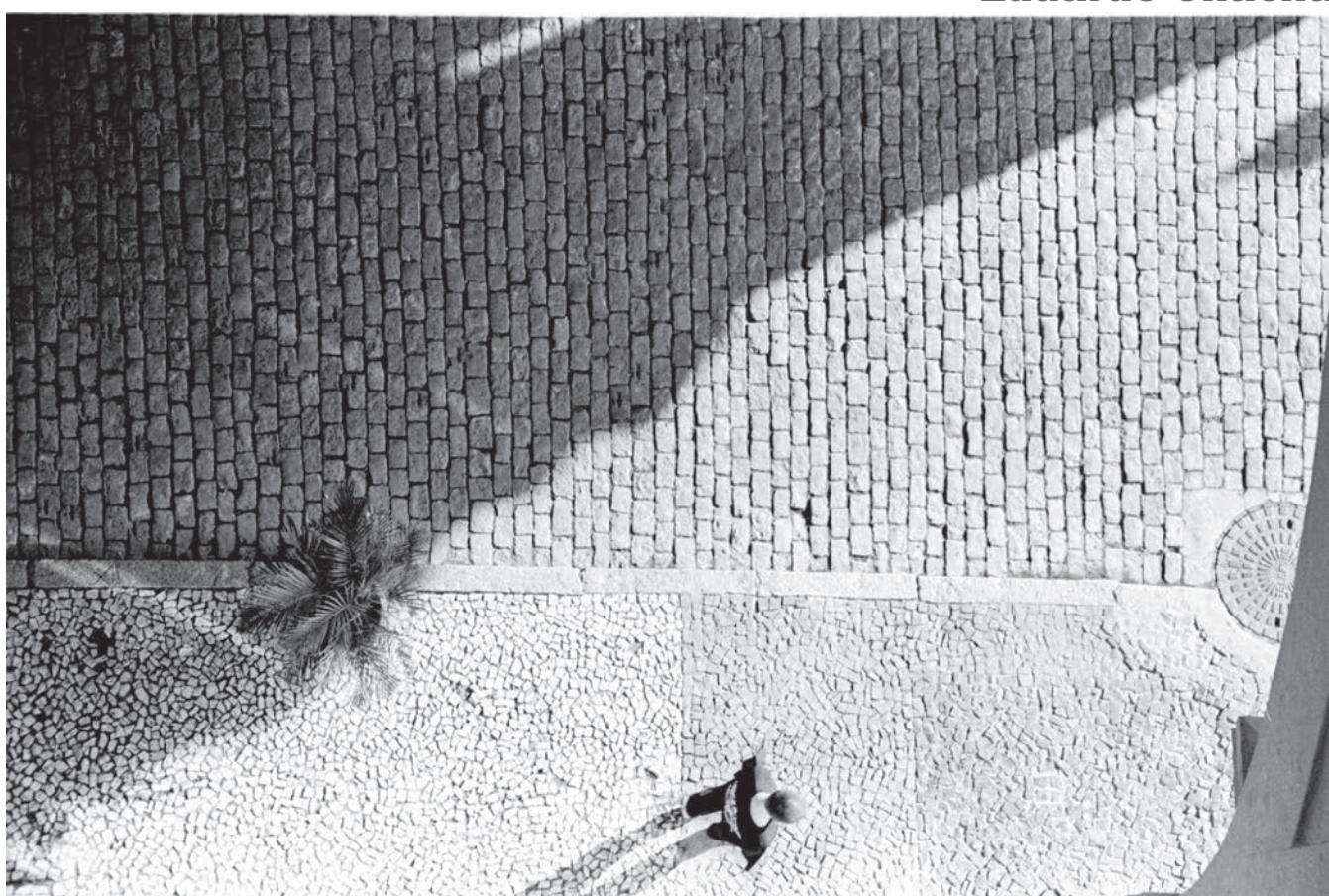
Mario de Miranda Quintana faria 100 anos no próximo dia 30 de julho. O poeta, que iniciou a carreira profissional como atendente na farmácia do pai, em Alegrete, e que teve passagens como voluntário no impressionante Sétimo Batalhão de Caçadores, durante a Revolução de 30, viveu boa parte de sua vida morando em hotéis.

Em uma crônica publicada no *Caderno H*, em 1973, dizia: "Ah, os ângulos contudentes das atuais construções urbanas... Esses tetos baixos me abafam... De modo que só resido em casas antigas. Acontece é que as casas velhas têm proprietários velhos, muito velhos aliás e, por isso mesmo, muito morredores. E seus herdeiros resolvem sempre vendê-las a construtores de edifícios. Resultado: há anos que venho me mudando. Sou uma pobre vítima do surto do progresso e do clamor público.(...) E quantas vezes nós, ao passar por uma velha rua cotidiana, sentimos uma vaga inquietação, uma falta de não sei quê. Vai-se ver, é um simples lanço de muro que demoliram e que, tijolo a tijolo, fazia parte da nossa construção interior, da nossa estabilidade, em suma. E quando põem abaixo, então, a velha casa que nascemos?!"

A casa velha em que morou o poeta entre 1968 e 1980, o antigo Hotel Majestic, foi tombada em 1983 e, desde então, homenageia o poeta com o nome e com a atividade a que se dedica.

As fotos do Ensaio deste mês, feitas na Casa de Cultura Mário Quintana, são, também, uma homenagem ao poeta e ao espaço que leva seu nome. Foram feitas por um grupo de fotógrafos em uma atividade chamada Projeto Porto Alegre, que está documentando espaços e eventos da cidade, usando filmes em preto e branco, revelados e tratados de maneira convencional. Além das imagens mostradas nesta página, outras podem ser vistas em [www.projetocontato.com](http://www.projetocontato.com).

**Eduardo Chacha**



**Mateus Bruxel**



**Tania Minossi**

